

ILUSTRAÇÃO



As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**À RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARIINAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BÉGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KÉRABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justiça*. 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■■■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc.** — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

CONSELHOS ÚTEIS

MANEIRA DE RECO-
NHECER SE UM
OBJECTO É DOI-
RADO

É muitas vezes ne-
cessário apenas para os
bronzes envernizados.
Bastará tocar o objecto
com uma vareta de vi-
dro molhada numa solu-
ção de bi-cloreto de
cobre. Se o objecto é
dourado, o ponto tocado
deve ficar intacto; apre-
sentando uma mancha
acastanhada se não hou-
ver ouro depositado á
sua superficie.

ILUSTRAÇÃO

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand

S. A. R. L.

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 100—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada).	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias	—	63\$00	126\$00
(Registada).	—	67\$50	135\$00
Brasil.	—	66\$00	132\$00
(Registada).	—	75\$00	150\$00
Outros países.	—	75\$00	150\$00
(Registada).	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

DOCES E COSINHADOS

Receitas escolhidas por ISALITA

1 vol. enc., com 351 pags. . . . 25\$00

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Dôres de ouvidos Ne-
vralgias São dôres in-
suportáveis. Mas V. Exa. tem
um remedio facil, completa-
mente inofensivo para o seu
organismo, para se vêr livre
d'elas: É a Cafiaspirina.
Mande já comprar um tubo
e em poucos minutos verá
como as dôres desaparecem.

Cafiaspirina
O PRODUTO DE CONFIANÇA



...mas agora é tempo —

para reabastecer o terreno com a mais importante das
matérias nutritivas: o azoto. Se notar manchas fra-
cas ou amarelas, na seara, eis o momento de proceder ás

ADUBAÇÕES DE COBERTURA!

Para terras pobres de cal:

**Nitrato de Cal IG
ou Calamonitro IG**

em outros casos

Sulfonitrato de Amonio!



STICKTOPF-SYNDIKAT
D. M. S. H.

À Sociedade de Anilinas, L. da
LISBOA Trav. das Pedras Negras, 1

Queiram enviar-me folhetos explicativos sobre as
adubações de cobertura com os adubos do SINDI-
CATO DO AZOTO DE BERLIM.

(Nome)

(Código)

(Terra)

(Cortar e enviar pelo correio)

Acaba de sair a 3.^a edição do

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«*TOLEDO* é um livro que se lê de-pressa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 páginas, brochado, 10\$00; encadernado, 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas { brochado 10\$00
encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

É uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGÊNCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 vol. de 264 pags., br. 8\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O genial romance da guerra

Os Grilhetas do Kaiser

por **THEODORE PLIVIER**

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlandia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 pags. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Grande sucesso literário

2.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 pags., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Proteja a saúde de sua família instalando
em sua casa um

GENERAL ELECTRIC Refrigerator



*A marca GENERAL
ELECTRIC é a me-
lhor garantia de boa
qualidade d'um apa-
relho electrico*

Os alimentos sempre em perfeito
estado de conservação

Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.

O armario frigorifico simplificado

Uma simples tomada de corrente
basta

O Refrigerator automaticamente
fará o resto

*Concessionario geral para Portugal e Colonias
Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.^{da}
Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, Dt.º — LISBOA — Telef. 2 5347*

Visitem a nossa Exposição na
Antiga casa José Alexandre — Rua Garrett, 8 a 18

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDA-
DE DA LI-
V R A R I A
BERTRAND
S. A. R. L. RUA
GARRETT, 73
E 75 - LISBOA

N.º 8 (176) - 8.º ANO

16 - ABRIL - 1938

POR muito tempo esteve sepultada em trevas a memória de Grão Vasco. A certa altura, a sua existência foi alvo de apaixonado debate até que o documento categórico veio a lume, exumado dos arquivos dos notários. Hoje é considerado o nosso pintor mais fecundo, autor êle ou os da sua escola de grande cópia de retábulos existentes nas principais igrejas da Beira e em várias cidades de Portugal.

A curiosidade de Raczynski, primeiro, as in-

O mestre-pintor do São Pedro

de macerar as tintas, e ainda outros de pintar. Êle retocaria, daria indicações, marcaria a natureza e circunstâncias da obra que outros, de baixo de seus olhos, realizavam. Compreende-se

rim, não acusan idêntico génio e o forte pincel? Viseu, hoje em dia, orgulha-se do grande pintor e não menos do Museu que tem o seu nome, Museu que o carinho, devoção, sacrifícios, saber de Francisco de Almeida Moreira converteram num dos primeiros de Portugal.

Aí estão os magistraes quadros do mestre que, conta Berardo na peugada da tradição, se revelára pintando na porta do moínho, em que fôra nado, um burro carregado com os sacos de farinha, tão



O quadro «A Anunciação» de Vasco Fernandes (Grão Vasco), existente no «Museu Grão Vasco» de Viseu

vestigações de Berardo, historiador visense, recentemente os trabalhos e descobertas de Vergílio Corrêa, conduziram a esta certeza.

A oficina de Grão Vasco devia ao tempo gozar do melhor conceito no Norte de Portugal e ter o que hoje se chama extracção de fábrica. De certo que o pintor industrializára a arte, nem outra coisa se fazia no Renascimento.

A seu serviço trabalhariam numerosos artífices, encarregados uns de preparar as tábuas, outros

dêste modo que nem todos os quadros se pareçam absolutamente uns com os outros, sem que contudo se possa concluir que não foram concebidos pelo mesmo sôpro e não participam da mesma técnica.

O S. Pedro de Tarouca que pode ser além duma simplificação do S. Pedro de Viseu, aquele mais modesto, para igrejinha de convento, êste soberbo papal, para a Sé majestosa da nobre e antiga cidade? E os painéis de Lamego, de Ferrei-

ao natural que seu pai, o moleiro, entrando de noite, começou a gritar que metessem o animal para a loja, que lhe fazia mal o relento. Do mesmo se diz que, de jornada para Itália, tendo-lhe acontecido entrar no atelier dum pintor, se permitiu, para mostrar a perícia, pintar uma môsca na face de certa figura, pendurar segunda por um fio de teia de aranha ao nariz doutra, com tal arte que os criados do pintor, logrados, se puseram a enxotar as moscas importunas.

Crónica da Quinzena

ABRIL entrou. O lençol de neve, estendido em sudário sobre a terra, fendeu-se à luz do sol, e a vida apareceu. Despertaram as flores, renasceram os perfumes, o Senhor ressuscitou. Aleluia.

Abril é o amor, a mocidade, em vibração perceptível no espaço envolvente. Imutável de beleza, graça, frescura, em cada retôrno inunda de alegria a natureza criada, tôda fremente de uma promessa de renovação.

Verdeja a terra, floresce a árvore, as sonoridades mudam de tom, rumorejam simpatia, atracção. Nos ramos enfolhados, nos refêgos do chão, onde apareça recanto discreto, entretêm-se colóquios que parecem fúteis e revestem grande importância. E tanto que a gravidade soturna, antes esparsa sobre tôdas as coisas, nos seres animados e até nos homens, alivia, torna-se transparente, desaparece ao contacto dessa onda subtil, quasi um espírito que se apossa do mundo.

Abril é fonte de energia, propulsora de renascimento, de juventude. Ao agitar-se o fluxo da seiva também o sangue parece acordar do torpor, daí florescer em alacridade por acção do mesmo impulso inefável que enche a natureza.

Não há mistério mais doce que o da Ressurreição do Senhor, muito bem cadenciado pelo ressurgimento das côres, dos sons, trazidos pelo Abril.

Aleluia.

*

Bem pode ser que a entrada da primavera, com seu natural sorridente, conciliador, haja atenuado as nuvens que escureciam os animos. O inverno, de certo modo, oprime como a noite, amplia as sombras, cria terrores. Abril tem o seu quê de madrugada. Dissipa os receios que apouquentavam o coração na hora da treva.

Para nós, aquela imagem espectral que surgiu no céu de Roma e o vento impeliu até Lisboa, atenuou-se, mudou de rumo. De novo cantam os pássaros e se confia no Padre Sant'Antoninho, na Senhora da Conceição e demais génios protectores da Ocidental Pátria cantada pelo vate lusitano. Temos uma Constituição, temos um Governo novo, temos estradas alcatroadas. Falta apenas o automóvel para rodar por'í fora, indo nós dentro a cantar como pássaros.

Confiemos em que brevemente se decreta o automóvel para todos, como remate de felicidade e perfeição do regimen político. Não prejudicamos ninguém em acalantar essa esperança. E tanto pesa confiar nela, como nas demais promessas dos architectos sociais. Esperar a bema-venturança da velocidade e da roda, cubiçada pela alma moderna, por concessão do comunismo, do liberalismo ou do

corporativismo, representam o mesmo. O que presta é crer no milagre. Uma vez aí, tanto faz pedi-lo a Allah, como a Buddha, ou a San Pedro.

Não custa nada meter na cabeça que numa manhã clara, de bom sol lusitano, ao acordar, abrir a janela e virar à rua o olho, ainda viscoso de secreções noturnas, ali nos apareça, pronto a receber-nos, o carrinho confortavel enviado por um redentor qualquer, chamado Ford, Lenine ou Mussolini.

Os internacionais das conferências êsses que não socegam de Londres para Genebra, para Roma, Paris, Nova-York, Séca e Méca, tentam convencer-nos de coisa mais difficil. Ao fim de quinze anos de andança, em boa comezaina, regada, falasada, charutada, a mais não poder, pretendem que considerem útil êsse seu pesado esforço e lho agradeçam. E o melhor é que conseguem o seu intento. Ninguém se atreve a duvidar de que êsses bons makavenkos andam a tecer a harmonia universal. Erga o dedo a nação que não os afiance por verdadeiros anjos da paz.

Ora a verdade é que os geniais artistas desfazem em Paris o que fazem em Roma, descosem em Nova-York o que cosem em Londres. E os namorados da Europa, América, Oceania, contemplam embevecidos a engenhosa teia de Penelope começada em 1918, e destinada a ser interrompida quando Ulisses se decidir a arrasar Troia mais uma vez, o que pode suceder de uma hora para a outra.

Já se sente o tinir dos metais. Os animadores do odio andam acesos na tarefa. Hitler experimenta o gladio na carne da cobaia israelita para afazer a mão ao golpe. Depois de cortar bem no judeu, pode com segurança cortar no cristão.

Interpelado acerca da tarefa em que anda, declara-a mal compreendida. Diz que o semita, por feitio contrariador, e para impedir um inocente exercicio gymnástico, vai de propósito meter a cabeça debaixo do gume.

É lá com êles. Nazis, comunistas, gente hebraica, são todos uns grandes judeus, capazes de enganarem o próprio Diabo.

Por mais que se procure saber o que premeditam e executam êsses astuciosos manobreadores de Berlim, que inundaram o mundo de marcos pôdres e se atascaram de créditos gelados, nem o mais ladino consegue desvendá-lo. Pode ser que desta vez não ande farça pelo meio. É justo duvidá-lo, mirando os antecedentes.

Á cautela devemos deixar de remissa a matança de judeus, o alarido fóra e dentro da Alemanha, as perseguições e represálias, por fim a escolha de vítimas e algôzes.

Pensando com calma, reconhece-se de inhabilidade excessiva juntar dois

inimigos, o político e o religioso, para batê-los a um tempo. Seria tarefa demasiada ir contra o comunismo e o judaísmo. E redundaria em estupidez que não é crível por parte dos que conquistaram o poder com o "Führer," por chefe. Áquelas correntes torna-se indispensavel um odio. Sempre que se constitui uma hoste, impõe-se como immediato apresentar-lhe o inimigo a combater. Dois odios ultrapassam a medida, e acabariam por prejudicar-se um ao outro. Oferecer o comunista e o israelita que são quantidades diferentes, impossiveis de somar, não se compreende. Portanto não merecem crédito as noticias que chovem sobre nós, expeditas não se sabe de onde.

Protestam os judeus de Londres, de Nova-York, da Holanda, dizem os informes. Que judeus são êsses? Quem os conhece, quem os classifica? Não esquecer que o comunista tem a sua propaganda bem organizada, muito bem organizada, por sinal.

Também ao virar do equinócio se juntou uma bandada de portugueses que foram a Vigo na persuasão de conseguir dentro de uma semana a conquista da Galiza.

Conquista à bruta, pela violência, não. Uma conquista de fascinação era a idéa. A Galiza terna, enamorada, perdida com os encantos de Portugal, cair-lhe-ia nos braços. Cegou os a alma de irresistiveis que pessoalmente usam; e julgaram a pretendida tal qual a mocinha doce, ingénua, de passividade ovina que pasta na margem atlântica, do Mondego à Gasconha. E por andarem cegos de entendimento, não deram ainda pelo ridículo das pretensões que trazem na cabeça a fervilhar.

A primavera exacerbou o delírio e produziu a veneta que teve o resultado lógico, vem a ser, um banho frio aplicado pelo bom senso galego, na esquinência lisboeta.

Entre as prendas que daqui levavam para seduzir a bela, ia um onze futebolesco, escolhido com olho sábio. Muito anchos lho apresentaram, confiados na excelência do fabrico.

O êxito foi como se viu, reduzirem-no a pó. A alma galega, mirou, observou, e concluiu que quem não tem unhas não toca viola. Concluiu com carradas de razão.

Fartos de saber que não sabemos dar pontapé na bola que extranhos vejam, para que tentamos novas arremetidas?

Tantas vezes nos revelamos inhâbeis, devíamos ao menos adquirir vergonha que nos impedisse de sair a público com semelhantes andainas.

E mais não rendeu a fúria de conquista que atacou uma certa vagabundagem intellectual da Foz do Tejo.

Samuel Maia

UMA IMPONENTE CERIMÓNIA NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

A Academia das Ciências de Lisboa reuniu solenemente para receber as insígnias da Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada, oferecidas, por iniciativa da «Revista Militar».

A cerimónia — como todas as realizadas naquela douta Instituição — teve um brilho excepcional. A formosíssima sala da Biblioteca oferecia um soberbo aspecto. No seu lugar de presidente, via-se o sr. dr. Júlio Dantas — eminente figura das nossas letras — dando a direita ao sr. dr. Monteiro de Barros, director geral do Ensino Superior, que representava o chefe do governo, e ao professor sr. dr. Pedro José da Cunha, vice-presidente da Academia e a esquerda, ao reitor da Universidade de Coimbra, sr. dr. João Duarte de Oliveira e sr. Joaquim Leitão, secretário geral da Academia.

Houve só dois discursos. Em primeiro lugar, falou o sr. dr. João Duarte de Oliveira, como presidente da comissão duadora das insígnias. Disse que o governo da República agraciou os altos méritos daquela Instituição, concedendo-lhe a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada e que a «Revista Militar», oferecendo-lhe as insígnias, de tão grande recompensa, altamente se enobrece. Acrescentou que a Universidade de Coimbra se considerava prestigiada com a honra do alto encargo que confiaram ao seu reitor.

Em seguida, o secretário da comissão, sr. dr. Lobo de Campos, leu a mensagem da entrega. Terminada a leitura e entregue as ensígnias, a assistência assinalou o acto memorável, com uma prolongada salva de palmas.

Momentos depois, levantou-se o sr. dr. Júlio Dantas. É alvo duma grande ovação. Lê, no meio dum profundo silêncio deferente, um notável discurso. Agradeceu à ilustre «Revista Militar» — publicação quasi centenária, em cujas páginas se reflecte, em clarões de imortalidade, a vitória do exército português. Agradeceu aos seus directores: generais Teixeira Botelho e Ferreira Martins. Saudou, na pessoa do sr. dr. João Duarte de Oliveira, as Universidades portuguesas. Disse ainda que aquela cerimónia, pela razão que a determinou, pelas generosas intenções que a ditaram, e, ainda, pela categoria das colectividades e das individualidades que nela participaram ou nela tiveram representação, constituía uma das mais altas e significativas homenagens que, em todos os tempos, foram prestadas à Academia das Ciências. Julga-a, mesmo, única na história das Academias do Mundo inteiro. Não há porém, que vangloriar-nos dela. Essa homenagem não se dirige, pessoalmente, a nenhum dos socios; passa por sobre os homens, detentores obscuros, de um título transitório e projecta-se em cheio na instituição — que essa, sim, ousa afirmar que merece.



O reitor da Universidade de Coimbra, sr. dr. João Duarte de Oliveira, proferindo o seu discurso



O presidente da Academia das Ciências pronunciando a sua brilhante oração



Aspecto da imponente sessão solene, no momento da entrega das insígnias da Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada à Academia de Ciências, na pessoa do seu douto presidente

Poucos dias antes de Teófilo Braga morrer procurei-o em sua casa, para me des-

semperhar dum encargo da minha vida de jornalista. Estava eu, então, no *Século*, e Mário Salgueiro, que chefiava a redacção, mandou-me entrevistar Teófilo Braga acerca duma identificação da data do nascimento de Camões, que nessa época se discutia.

Já conhecia, pessoalmente, este homem vulgar desde 1912, da Livraria Ventura Abrantes, onde lhe fôra apresentado; mas receando, com razão, que Teófilo Braga me não reconhecesse, pedi ao meu amigo Mário Sá, um dos modernos escritores que, nos últimos tempos, mais assiduamente lhe freqüentavam a casa, para me apresentar e acompanhar nessa missão.

Reproduzo alguns aspectos inéditos dessa entrevista, por ser a última que ele concedeu e aí ficarem marcadas as qualidades a que me referi: faculdades no trabalho, coerência de opiniões, saudável optimismo — tudo isto com uma regular noção dos homens e coisas do seu tempo, e servido por uma lucidez que me impressionou.

Seriam sete horas da noite quando chegámos à conhecida casa da Travessa de Santa Gertrudes, cuja porta se abria depois de se bater de certo modo particular, que só as visitas familiares conheciam...

Lembra-me que era de inverno.

Mário Sá tocou primeiro na campainha, e, a seguir, bateu três vezes na pequena aldraba da fresta onde se lança correspondência. Pouco depois a porta abriu-se e, no limiar, apareceu Teófilo Braga, que, em pessoa, viera abri-la, com uma das mãos prendendo a gola do sobretudo, para se resguardar do frio, e com a outra bastante trémula, segurando o candeeiro.

Não sei descrever, em quatro traços, a minha profunda comoção em face desse grande homem, tão simples, alquebrado, velhinho, os cabelos sôltos em madeixas brancas, os olhos ennevoados de cegueira, todo ele vergando sob uma austera vida de trabalho, modesto como um pária, ele que já fôra, duas vezes, Presidente da República!

Entrei para a singela sala de comer, onde o sábio, completamente só, servindo-se a si próprio, terminava o seu jantar, uma refeição de criança, pouco mais do que a alimentação para uma ave: alguns bagos de arroz, quadraditos de marmelada e um pouco de café, que ele próprio aquecia numa cafeteira ennegrecida de fumo, suspensa dum gancho de ferro sobre o candeeiro de petróleo.

Na sala, mal iluminada, havia um grande ambiente de frio, de solidão e de tristeza. Notava-se a ausência de carinhosas mãos de mulher ou dum sorriso de criança, e nem havia lume...

Olhando o grande mestre, já mergulhado nas trevas da cegueira, enquanto ele tateava as migalhas da sua refeição, de mim para mim ia pensando naquela vida de lutas e dôres a que ele resistira; nos seus vinte anos de Coimbra, cercado de ódios, quando lhe cerceavam todos os recursos e lhe tiraram distinções académicas; na desconfiada recusa dos livreiros; nos sorrisos irónicos dos patriarcas das letras — enfim, em toda essa falta de generosidade, que tornou amargosa a sua juventude e azedou o seu carácter.

Tudo isto ali evocado naquela casa gelada, ante a sua vida em declínio, fez-me adivinhar

A ÚLTIMA ENTREVISTA

que

Teófilo Braga concedeu aos jornais

que perto deveria rondar a morte, e olhei com veneração, com ternura e respeito, a alquebrada figura do lutador.

Quebrando o silêncio, ele começou a falar com tão agradável e serena disposição, que, no seu rosto, nas suas palavras — como se adivinhasse o nosso estado de espírito — parecia querer significar que não nos devíamos impressionar, porque ele, afinal, a-pesar-de só, velho e cego, sentia-se muitíssimo bem, longe dos ruídos das feras... fôra do mundo...

Conversámos muito, ou antes, ouvi muito, durante as duas horas que durou a entrevista. Com grande vivacidade, citando, de cór, documentos, Teófilo Braga logo me esclareceu sobre o



Teófilo Braga
(Busto de Teixeira Lopes)

fim especial que ali me levava — acerca de Camões. Depois pretendi saber a sua opinião sobre questões de reconhecido interesse, e perguntei-lhe o que pensava da marcha da República ante questões sociais.

Disse-me, prontamente, que não concordava com a característica conservadora e burguesa do regime republicano português. «A República — segundo ele — não podia transformar-se num campo favorável aos utilitaristas especuladores; carecia de libertar-se dos exploradores de diversa espécie; e tinha que procurar a equibrada fórmula do socialismo — dum socialismo bem contemporâneo, que não fôsse exclusivamente das classes populares, mas para todos.

«Os próprios operários — continuava Teófilo Braga — não podiam manter, hoje, as suas respeitáveis reivindicações dentro das primitivas fórmulas, e nem deviam ignorar o grande papel que a engenharia e outras descobertas de ordem científica desempenhavam na moderna organização do Trabalho — essa organização onde sempre se encontrava presente, ao lado do operário, o espírito do inventor, do chefe intelectual e do alto técnico. Simplesmente — concluía Teófilo Braga — para a implantação desse Estado Socia-

lista seria indispensável que a República criasse verdadeiros homens de Estado, com sólida mentalidade e boa visão social, tão austeros como competentes, e com a mesma fé e desinteresse dos precusores e propagandistas.»

Sondei, depois, o velho ateu, para inquirir se o seu espírito esmorecera em matéria religiosa, e perguntei-lhe o que pensava, actualmente, da Igreja.

Sorriu, esfregou as mãos, naquele seu gesto tão familiar, e disse: — «A Igreja!... Mas que vale, modernamente, a Igreja, comparada com a Ciência?! Veja, em todo o mundo, a obra dos sábios, as descobertas maravilhosas em favor da Humanidade! Enquanto a Igreja parou, repare na marcha que a todas as horas se regista nos domínios da Matemática!... Os homens da Igreja, hoje, limitam-se, apenas, a assistir, como espectadores, à radical transformação económica por que o mundo está passando. Amanhã assistirão a maiores transformações, mas como fantasmias...»

Não me fatigava de o ouvir, pasmado da sua memória e da subtil ironia com que escavacava alguns ídolos, monárquicos e republicanos, contando várias coisas interessantes sobre os homens e as suas inferioridades — coisas que eu guardo para mim... Terminou a entrevista expondo-me o plano de trabalho que, mesmo cego, ainda tinha entre mãos: um romance original acerca de certo judeu que a Igreja tinha perseguido no século XVII; um capítulo novo sobre Herculano, para a sua *História do Romantismo*; e uma nova obra acerca de Camões.

Quando saí da casa histórica da Travessa de Santa Gertrudes vinha de-véras impressionado.

Durante bastante tempo guardei esta emotiva e extraordinária impressão que me deixara aquele homem a quem as dôres morais e o trabalho haviam endurecido — austera figura que tinha o mais profundo desprezo pelas misérias e vaidades mundanas, e que, amando a Liberdade e a Vida, aguardava, com o melhor bom humor, a morte, sorrindo-lhe, quasi irónicamente, por entre as brumas da sua cegueira gloriosa.

Poucos dias depois foram encontrá-lo, em certa manhã de inverno, encolhido, muito quieto no seu leito modesto, e todo enregelado... Tinha 81 anos e morrera sem dar trabalho a ninguém, abandonado e só, sem receio da morte, que há tanto tempo esperava...

Suponho que a entrevista que me deu, publicada no *Século* dessa época, foi a última concedida a jornalistas. Coube-me a simpática tarefa de recolher as suas últimas palavras para a imprensa.

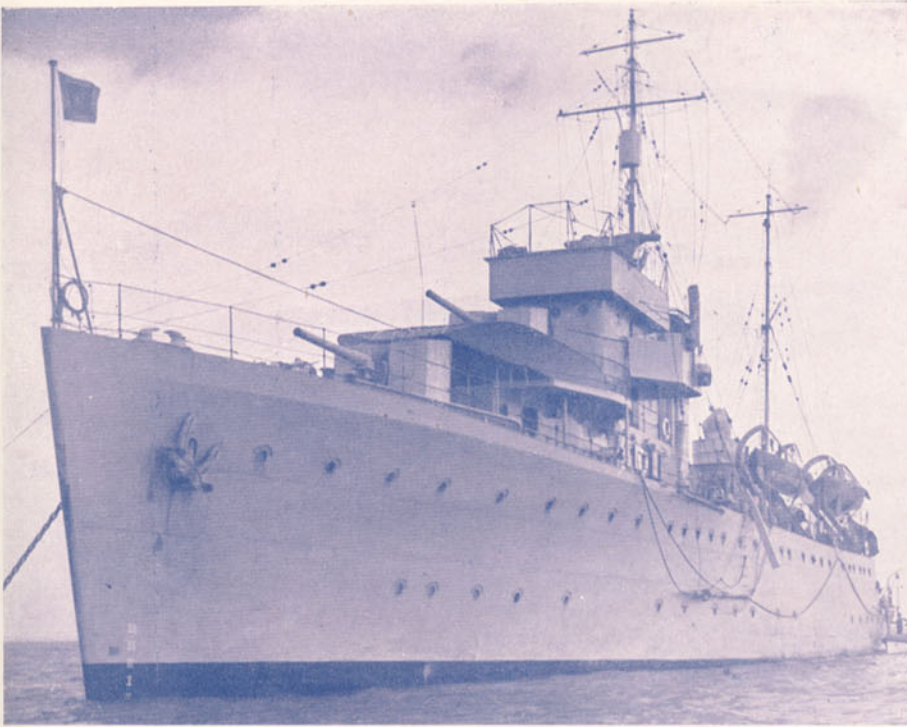
E possível que, segundo dizem, Teófilo Braga não fôsse um justo. A sua atitude para Antero de Quental, manifestada até no esforço biográfico do livro *Raios de extinta luz*, onde há injustiças e erros de apreciação, e outros casos semelhantes, põem em evidência o azedume de que o acusam. O trabalho, o sofrimento, as torturas que passou, embotaram-lhe a sensibilidade.

Mas como político, embora sem feito para a política, foi sempre coerente no seu traço jacobino, e um cidadão alheado de vis interesses, perfeito tipo de honra. As inferioridades da política não podiam entender-se com a sua intransigente dignidade mental.

É caso para recordar a frase lapidar dum grande orador sagrado — Alves Mendes — que, ao fazer o panegírico de determinada personalidade, exclamava: «O sol também tem manchas!...»

Julião Quintinha.

MARINHA DE GUERRA

O "Gonçalo Velho"
entrou já no Tejo

O «Gonçalo Velho» minutos depois de ter ancorado junto do «Vasco da Gama»

Está no Tejo uma nova unidade da nossa Marinha de Guerra: o aviso de 2.^a classe "Gonçalo Velho". É o primeiro navio concluído do programa naval de 1931.

Na sua classe, o "Gonçalo Velho" é do melhor — diz uma nota do governo — que hoje se utiliza nas grandes armadas. Sendo um navio relativamente pequeno — tem 82 metros de comprimento, dimensões superiores às de qualquer dos nossos actuais barcos — o novo aviso de guerra fica sendo a primeira unidade da Armada Portuguesa, categoria em que será suplantado dentro de pouco tempo, pelos grandes contra-torpedeiros e pelos avisos de 1.^a classe, os cruzadores coloniais, como se devem melhor classificar.

A sua entrada triunfal no Tejo, o "Gonçalo Velho" salvou, respondendo-lhe o mais velho barco de guerra português: a lendária fragata "D. Fernando", que é agora, o navio-chefe.

A população de Lisboa tomou, na tarde de 1 de Abril, os logares altos da cidade para ver entrar o "Gonçalo Velho". Centenas de populares disputaram as melhores posições para admirar a sua marcha desde a barra. O Tejo, apresentava o aspecto dos grandes dias festivos. Mais de cinquenta embarcações, de todos os feitios e tamanhos, acompanharam o novo barco até em frente do Terreiro do Paço, onde se aglomerava uma enorme multidão.



O presidente do ministério, sr. dr. Oliveira Salazar, com alguns membros do governo e o comandante geral da Armada, a bordo do «Gonçalo Velho», quando da sua chegada ao Tejo



Aspecto que oferecia a Praça do Comercio, no momento em que o «Gonçalo Velho», passava junto da histórica fragata «D. Fernando», navio chefe do rio Tejo. A multidão, que enchia, quasi por completo, o Terreiro do Paço acenou, durante alguns minutos, com lenços, saudando a nova unidade da Marinha de Guerra Portuguesa

TODOS nós, por mais optimistas e patriotas que sejamos, temos sempre uma visão escura e erradíssima da moralidade da nossa época e da gente portuguesa, julgando-a inferior em virtudes nobilitantes à estrangeira e à de tempos antigos. Facilmente esquecemos que o pecado original, fonte de todos os males, vem do Paraizo e que nem a lição do dilúvio universal e os terríveis castigos, revelados pelos livros santos, conseguiram escarmentar e corrigir as tendências más da raça humana.

Desde o Divino Mestre a redimir o mundo com as doutrinas sublimes que, através da doçura mística dos seus lábios eloquentes, adquirem a magia suavíssima de cânticos siderais.

Como os homens recebem e acatam essas doutrinas de bondade excelsa, de amor transcendente e belo, diz-no-lo a paixão e morte do Senhor.

Porisso, hoje como ontem, os crimes se repetem, o vício domina, a imoralidade campeia. E a virtude só triunfa dos maus instintos, em almas excepcionalmente dotadas.

«Oh a insuportável bisbilhotice portuguesa!» — clama-se.

Deixemo-la agora em paz essa incomodativa bisbilhotice e evoquemos a culta França, donde nos veem as modas, os *bébés* e a civilização:

Reinado de Luís xv. Os cortejos, para entreterem e divertirem os ócios do soberano, servem-lhe diáriamente o aperitivo das guloseimas escandalosas de Paris. Cria-se polícia especializada, para averiguar as aventuras galantes da alta sociedade, que se escrevem em ortografia artística, condimentadas de estilo ultra-realista e se apresentam ao refinado paladar de sua magestade. Algumas dessas páginas conservam-se para edificação das gentes, na bibliotéca do Arsenal de Paris.

«Mas a dissolução desta sociedade jazzbandesca!...»

Pobre humanidade — sempre carcomida de horrores, naqueles a quem melhor cumpriria dar exemplos salutaros:

Em 1734 — a princesa de Rohan, na expansiva e íntima demonstração de amor ao marido, declara-lhe que a sua fidelidade conjugal fôra posta à prova por sete fidalgos — *sete alfaiates que não conseguiram conquistar aquela inexpugnável aranha*. Para tornar mais impressionante a sua pureza — lírio de castidade a florir num charco — cita os nomes dos sete competidores, todos casados e trêdos senhores de corações de donas, casadas também. Chega ao conhecimento destas, a afirmação de invulnerável princesa. Imediatamente se reúnem no guarda-roupa de M.^{me} Ruffec — filha do ministro e secretario de estado de guerra, casada e em relações cordealíssimas com João Felipe cavaleiro de Orleans, filho do Regente. Ali, as sete endiabradas madamas escrevem uma carta colectiva, dirigida ao príncipe de Rohan, assinada por tôdas e em frases impróprias de tão altas senhorias, negando que qualquer dos seus *íntimos* pretendesse algum dia o amor da senhora de Rohan.

«Nesse reinado não admira, mas talvez

AQUI COMO ALÉM...

Hoje como ontem...

mais tarde...» replicam os desolados com as misérias atuais.

Vejamos então, durante o Império:

A princesa de Murat escolhe M.^{le} Guillebeau para na quadrilha das vestais, num baile da côrte, representar a *Loucura* da opera Vestal, então muito em voga. É graciosíssima a *mademoiselle* e baila como Salomé, pelo que é incumbida de dirigir as danças. Vestida com um *mail-lot* côr de fôgo que lhe molda as formas esculturais, transtorna as frágeis cabeças generalicias.

De Murat ser surpreendido pela mulher, em excessos condenáveis, como apreciador da linda plástica, resulta estas-



Louis XV

(Pastel de la Tour, museu de Saint-Quentin)

condalo. Carolina obriga a *Loucura* a sair do palácio. A rainha Hortense, que fôra a apresentante da *vestal*, é generosa para culpas de galantaria e indigna-se contra o rigor ciumento da princeza. Consegue que a imperatriz Josefina indemne a *mademoiselle*, do vexame publico, nomeando-a sua leitora.

Napoleão, tolerantíssimo para as leitoras bonitas, aplaude a escolha com entusiasmo. E M.^{elle} Guillebeau só é despedida, com vingativa satisfação de Carolina, quando a imperatriz surpreende o imperador e a leitora em chilreiros e trinados líricos — extra-contrato.

Entre os pretendentes á mão sinistra da sedutora vestal conta-se, como um dos mais compenetrados, o general Junot, conquanto a duquesa nas suas memorias afirme, que êle era incapaz de fazer pé... de general a meninas casadoiras.

«Sim, sim, sob essa feição especial de moralidade talvez, mas sob outros aspe-

ctos... não ha país como o nosso — esbravejam os revoltado catões portugueses. — Já se viu em outro povo a ingratição para os vencidos de ontem, a pressa de saúdar o *sol nascente*, tam vulgares entre nós?»

Socorramo-nos ainda dos cronistas contemporaneos da queda do Império francês.

Monsieur de Fontanes, da Universidade de França que se ridicularisou pelas incensatorias lisonjas a Napoleão, fala assim, quando nasceu o rei de Roma:

«Diante do Misterio do Poder e da Obediencia, o nosso raciocinio curva-se com respeito. Entrega êsse misterio á religião que sagra os principios, *formando-os á imagem do Proprio Deus!*»

Permiti, Sire, que a Universidade, por instantes volva os seus olhos do trono que ocupais com tanta gloria, para êsse berço augusto onde repousa o herdeiro da vossa grandeza. Toda a juventude francesa vos acompanha nas esperanças e benções com que festejamos o infante real que deve governar-nos um dia. Nós o confundiremos com Vossa Magestade no mesmo respeito, no mesmo amor. Nós lhe juramos, desde já, uma dedicacão sem limites, como a Vós proprio.»

Catôrze menses depois, apressando-se a aderir, no regresso dos Bourbons, ao trono:

«A Universidade de França, penetrada dos sentimentos que animam o senado e todos os corpos do Estado, cumpre o dever de exprimir ao governo provisorio, o seu vivo reconhecimento por tudo quanto fez, para terminar as nossas desgraças.

Ela junta a sua voz ao testemunho de admiracão merecida pelos soberanos aliados que acabam de *alcançar uma gloria unica na historia das nações!*...»

A Universidade vê com alegria, cheia de esperanças, uma ordem de coisas que, sob o patrocínio das leis duma verdadeira monarchia, assegura para sempre o reinado dos bons costumes, o progresso das letras e das ciências. Ela anseia pelo momento em que poderá apresentar aos descendentes de Francisco I e de Henrique IV, a homenagem do seu Amor e da sua Fidelidade.»

A untuosa redacção duma e outra mensagem é de Monsieur de Fontanes. Mas assinam ambas com igual firmeza de convicções — Fontanes; Villaret; De l'Ambre; o bispo Bausset; Lassalle; Jusseux; Mongarède; Cuvier; o abade Desre-naudes, secretario de Talleyrand; etc. etc.»

O duque de Massa, presidente do Corpo Legislativo, cumulado de honras e beneficios pelo imperador, corre a celebrar o novo regimen, com baixas adulacões, tratando o imperador vencido, a quem deve tudo, depreciativamente e chamando-lhe — *tout court* — o *Bonaparte*.

Que estas desconsoladoras carantohnas das deslavadas faces alheias, nos sirvam para aceitar, sem indignadas revoltas anti-patrioticas, todas as maldades portuguesas, na certeza de que não são peculiares a este, nem áquele povo, mas ao imperfeito genero humano.

Emilia de Sousa Costa.

A EXPOSIÇÃO ANUAL DAS BELAS ARTES

O grande certâmen artístico anual da Sociedade Nacional de Belas Artes foi inaugurado na sexta-feira última, pelas entidades oficiais. É o 30.º Salão.

Este ano a exposição está valorizada. Malhóa — o grande mestre — expõe cinco quadros e o «Grupo Silva Porto» voltou a concorrer. Dêle, fazem parte, como se sabe, os ilustres artistas: Carlos Reis, — único que não expõe — Saude, Falcão Trigo, Frederico Aires e João Reis. O notável pintor Veloso Salgado apresenta um só quadro: «Folha caída».

O júri dêste ano não permitiu mais de cinco trabalhos de cada artista. A imprensa aplaudiu essa medida acertada. O Salão descongestionou-se. No entanto, os concorrentes aumentaram. Pelas paredes da grande sala da Sociedade de Belas Artes estão expostos 108 quadros a óleo de 39 artistas. Na secção aguarela, vêm-se 60 quadros feitos por 23 expositores. Há ainda 56 produções de pastel, desenho, gravura, escultura e arquitectura de 22 artistas.

Os concorrentes de pintura a óleo são os seguintes: Fortunato Anjos, Mário Augusto, Frederico Aires, José Basalisa, Carlos Bonvalot, Regina Branco, Raúl Carapinha, Mária de Lourdes de Melo e Castro, José Contente, Joaquim



Costa, José Albino, Armando Costa, Pedro Cruz, Romano Esteves, Falcão Trigo, Martinho da Fonseca, Simão da Veiga, Maria Isabel Gentil, Frederico Henrique George, Pedro Guedes, José Leite, Machado da Luz, José Augusto Madeira, Malhóa, Eduardo Malta, José Serra da Mota, Emmerico Nunes, Beatriz Pais, Severo Portela Júnior, João Reis, Maria Luisa Reis, Veloso Salgado, Alda Machado Santos, Saude, Constâncio Silva, Silva Júnior, Mária de Lourdes Ribeiro de Carvalho e Silva, José Augusto de Sousa, H. Fernandes Tavares e Túlio Vitorino.

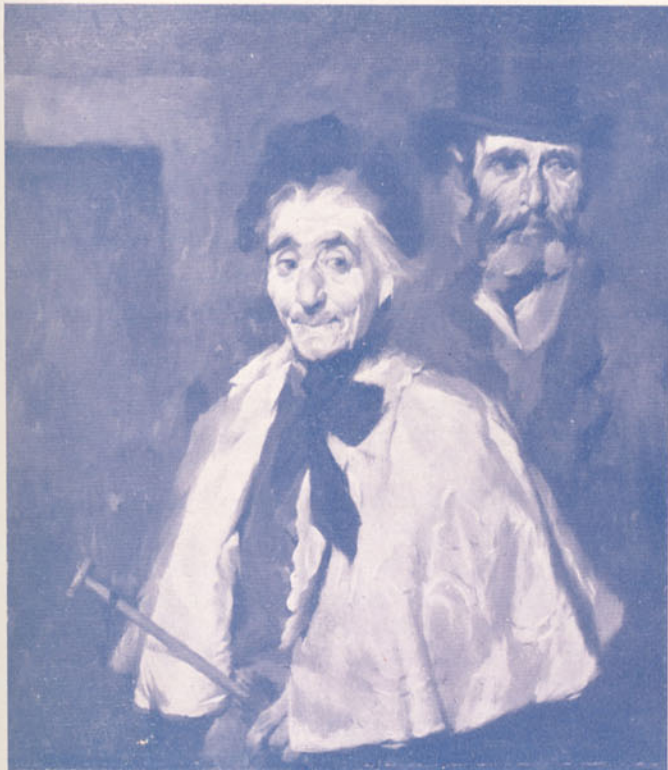


EM CIMA: «As promessas», por Malhóa

A' DIREITA: «Feira de S. Pedro de Sintra», por Alfredo Morais

A' ESQUERDA: «Os velhos», por Severo Portela Júnior

EM BAIXO: «O latoeiro», por Mário Augusto





A chegada da seqües portuguesa a La Guardia, depois de haver atravessado, em gaolina, o rio Minho

A Semana Portuguesa em Vigo, cujo comentário global nos não compete fazer, constituiu incontestavelmente um factor importante de aproximação luso-galaica, podendo ter uma influência concisa sobre certos problemas da economia nacional. Devemos ressaltar contudo, no momento de fechar o balanço, que foi o desporto que abriu caminho a esta iniciativa e ainda o desporto que lhe proporcionou as mais entusiásticas manifestações populares. Oxalá este exemplo sirva como afirmação das virtudes duma causa que não foi compreendida no nosso País por quem tinha obrigação de lhe dar alento, de lhe fornecer estímulo e de lhe prestar auxílio.

A ideia da Semana Portuguesa de Vigo só se tornou possível pela realização nesta cidade do IX encontro de Portugal e Espanha em football. Antecedendo esta pugna desportiva, na qual a massa desportiva portuguesa punha a sua melhor esperança e que veio resultar na mais desoladora desilusão, outras modalidades tiveram ensejo de prestar as suas provas, saindo-se com brilhantismo tal que pudemos colher uma compensação

maneira incontestável, não afirmando apenas superioridade sobre os competidores, mas fazendo alarde de uma classe que os impôs ao apreço dos seus leais e briosos adversários do momento. Recordamos



No IX Portugal-Espanha: Zamora tenta interceptar um centro de Valadas

dêmos também que às provas assistiu uma multidão de muitos milhares de pessoas, — superior à média registada nos campos de football em dias de campeonato lisboeta —, a qual se aglomerava em massa compacta a tóda a volta da doca; essa multidão admirou e aplaudiu sem reservas as vitórias dos nossos representantes,

criando um ambiente completamente favorável e acolhedor para quaisquer tentativas de re-

Um aspecto importante da multidão em Balaidos no dia do jogo Portugal-Espanha

As provas desportivas da Semana Portuguesa realizada em Vigo

novamento de competição. É de tóda a justiça realçar a correcção e o desportivismo dos nadadores lisboetas H. Patrone, F. Sacadura, Silva Marques, Azinhais dos Santos e Moutinho d'Almeida, e dos water-polistas portuenses, caprichando em conquistar pelo seu porte uma atmosfera de simpatia, e pelo seu esforço um apreço geral para o desporto português. Venceram e convenceram, dispensando generosamente uma

energia que haveriam podido economisar sacrificando à comodidade o brilhantismo das exhibições. Os tempos registados nas diferentes corridas atestam a boa classe dos seleccionados lisboetas, levando sempre em linha de conta as condições desfavoráveis do local onde se efectuaram as provas.

Os nadadores vigueses defenderam-se com rara vontade e sucumbiram com honra; para eles a competição deve ter sido proveitosa, dando-lhes uma exacta medida comparativa da respectiva classe actual e das suas possibilidades. Praticando a natação há relativamente pouco tempo, afirmaram alguns, qualidades evidentes, embora em preparação insuficiente.

Dentro ou fóra de água a camaradagem entre os nadadores portugueses e galegos foi sempre perfeita e apraz-nos

registrar que o porte irrepreensivelmente correcto e a afabilidade de trato dos nossos rapazes lhes asseguraram uma simpatia unanime cujo reflexo só pode servir a boa propaganda da natação portuguesa.

Os campeões portugueses obtiveram na prova de "cross-country" uma vitória



O grupo português no campo de Balaidos, antes do jogo com a Espanha

retumbante, que pode emparceirar dignamente com o êxito dos nadadores. Não vamos, no entanto, servir-nos desse sucesso para apregoar aos quatro ventos a sua grande classe internacional, proclamando a consagração definitiva do atletismo lusitano.

É preciso saber medir o alcance relativo dos factos e extrair dos seus ensinamentos conclusões razoáveis, no limite médio entre os exageros deploráveis e o habitual pessimismo dos nossos juízos sobre coisas portuguesas.

A forma como correram os rapazes seleccionados causou a todos os técnicos e apreciadores galegos funda impressão, aureolando o conceito em que pode ser tido o atletismo lisboeta de um apreço excepcional; Adelino Tavares e Manuel Dias bateram o tempo-record do percurso, apesar da distância haver sido um

pouco aumentada, e o confronto, seu e dos seus dois outros companheiros, com os melhores elementos locais estabeleceu uma diferença de classe que se impôs à assistência e a surpreendeu. Isto permite-nos supôr que as competições de "cross" realizadas anteriormente em Vigo e nas quais os galegos defrontaram adversários de fóra da região, se não traduziram no final por uma tão nítida superioridade dos visi-



As fascinantes jogadoras de "shôccres" do Vigo, trajando a moda do Minho, assistem ao Portugal-Espanha

voltas de um percurso bastante difícil, que comportava uma subida de perto de quilómetro e meio, e na distância total de nove quilómetros.

Como é sabido os portugueses alcançaram os quatro primeiros lugares, o peor dos nossos, António de Almeida, batendo o melhor dos galegos por uns quinhentos metros. Satisfeito de maneira tão absoluta o nosso brio patriótico, conquistada com o mínimo de pontos possível a taça oferecida pelo sr. general Carmona, as únicas surpresas encontram-se na classificação relativa dos quatro seleccionados, que cortaram a meta pela seguinte ordem: Adelino Tavares, Manuel Dias, João Miguel e António de Almeida. A derrota do campeão nacional, a primeira que regista na sua carreira de corredor de "cross", foi um incidente inesperado e de improvável repetição.

Antes da largada do "cross", efectuou-se no Estádio uma parada atlética em homenagem a Portugal e à simpática "Miss" Espanha.

Desfilaram pelo campo cerca de quinhentos atletas, representando todos os

lantes como aquela de que agora fizeram alarde os portugueses.

Colhemos assim uma possível referência, que nos é bastante favorável, sobre o valor comparativo dos "crossmen" portugueses e espanhóis, visto que estes últimos já de todas as regiões se exhibiram em Vigo e a impressão causada agora pelos da nossa terra se sobrepôs a qualquer outra precedente.

A prova foi disputada em duas

Augusto Silva oferece um ramo de flores a formosa "Miss" Espanhola, que veste de minhota



clubs locais e as várias modalidades praticadas.

O cortejo era precedido por uma banda da Marinha espanhola, seguindo-se um núcleo de três grupos de foot-ball dos marinheiros da esquadra e outro de uns quarenta ginastas da guarnição militar.

Abrindo o desfile, pròpriamente desportivo, vinham, depois, os atletas de Portugal que precediam a representação do Marítimo, club a que pertence "Miss," Espanha, a qual marchava à cabeça da delegação, ao lado do respectivo porta-estandarte.

Os representantes nacionais, durante o desfile em continência, foram insistentemente vitorizados pelos milhares de pessoas que enchiam por completo a vasta tribuna.

*
* * *

A encerrar o programa, acontecimento máximo, o encontro de football entre as selecções representativas de Portugal e Espanha. O Estádio de Balaídos, cenário pitoresco da luta, nunca conhecera ambiente tão entusiasta, afluência tão numerosa, expectativa tão anciosa.

Mais de 25.000 pessoas em volta do tapete relvado, das quais uma dezena de milhar deveria ser de compatriotas nossos, 160.000 pesetas caindo como um brinde de Páscoa nos cofres da Federação Espanhola.

Resultado: uma desilusão tremenda, para os portugueses cuja representação sucumbiu sem gloria; para os galegos que esperavam aplaudir um resultado honroso para o nosso grupo; para os próprios espanhóis desconsolados pela exibição e técnica dos seus representantes.

Após esta jornada de Vigo, da qual tanto se esperava e que tão pouco nos deu, uma vez mais as circunstâncias demonstram a injustiça dos resultados em pugnas desportivas; é um facto incontestavel que Portugal não mereceu o pesado "score," que encerra o match de Balaídos, e a crítica espanhola é unanime em afirmar a crueza do destino para comnosco. Muitos consideram até superior a técnica de jôgo dos portugueses



O nosso colaborador, sr. dr. Salazar Carreira, pronunciando, em Vigo, a sua conferência

em relação à dos seus vencedores; mas o resultado que conta, a síntese que no futuro traduzirá o valor relativo dos competidores e que a história há-de arquivar despida de considerações especulativas, é aquele esmagador 3-0 que figurava no quadro de marcação quando o arbitro apitou o termo dos noventa minutos de contenda.

A verdade iniludível é que tivemos uma linha avançada desesperadamente improduttiva, incapaz de concretisar em pontos as combinações, talvez perfeitas,

executadas à meio do terreno, mas que resultaram inúteis perante a relutância ao remate ou a má qualidade dêste.

É pecha antiga dos grupos nacionais esta deficiência efectiva, mas em épocas passadas valia-nos a segurança dos elementos da defesa. Desta vez nem isso nos valeu; um Roquete incerto e pouco confiante na parelha de defesas, onde a inclusão difficilmente justificável de João Belo, internacionalizado à força, deve constituir na consciência dos seleccionadores um peso tremendo; uns médios laterais em pouca inspiração e um próprio Carlos Alves que não compreendeu a necessidade de acelerar as jogadas para responder à velocidade dos adversários, foram os pálidos coadjuvantes do enorme Augusto Silva, figura máxima da pelega, gigante cujo esforço se perdeu abafado pela incapacidade realisadora dos seus companheiros.

Perdemos em Balaídos uma ocasião excelente de alcançar um triunfo ruidoso, que pairou pelo campo durante o primeiro quarto de hora como uma ameaça insistente, e até ao fim do primeiro tempo como uma possibilidade iminente. Falto-nos depois a classe atlética, e, no eterno forjar de esperanças que os homens reservam dentro de alma para adogar na ideia do futuro o travo amargoso do presente, vamos recomeçar esperando que para o proximo embate, em terra portuguesa, encontraremos enfim o conjunto equilibrado e eficaz que nos há-de permitir atingir a mais ambicionada das vitórias.

Salazar Carreira.

(«Clichés» do fotógrafo português Pacheco, de Vigo).



A «equipa» portuguesa de «cross» em Vigo: à esquerda) desfilando em saudação a assistência e à direita alinhada durante a parada desportiva. Na gravura da direita, por detrás do porta-estandarte, vê-se a Srt.ª Docêt — «Miss Espanha» — que é nadadora do Club Marítimo de Vigo

O domingo — o domingo de Páscoa que as crianças esperam com ansiedade, para satisfazer a sua gulodice, amanhecêra lindo. O sol prometia inundar os campos com a sua luz bemfazeja, agasalho de pobres e conforto de afortunados.

Logo de manhã, Tereza e Alberto, dois gémeos de uma beleza de anjos, com os seus caracões doirados e uns olhinhos azues muito doces — os olhos do pai, entraram de roldão no quarto de Maria Luísa, que também já estava acordada há muito.

Saltaram para cima da cama, e um de cada lado começaram a beijá-la e a dizer-lhe ao mesmo tempo, na sua linguagem de crianças de três anos apenas:

— Mamã, a Maria diz que hoje é domingo de Páscoa. Tu vais sair com a gente e comprar muitas amêndoas, sim? daquelas muito docinhas e muito lindas que têm um bebé, pois sim, mãizinha?

Maria Luísa aconchegou-os ao peito carinhosamente e respondeu-lhes, com as lágrimas assomando aos seus lindos olhos de morena:

— Sim, meus filhinhos, logo vamos, depois do almoço, comprá-las e iremos também ali à Igreja dos Mártires, rezar ao Senhor morto, para que nada aconteça ao seu papá.

E, pegando num retrato que tinha à cabeceira, beijou-o e chegou-o aos lábios das crianças para que o beijassem também.

Era um belo rapaz, de pouco mais de trinta anos, loiro e de olhos azues como os dos pequenitos.

Conheceram-se pelo Carnaval, num baile da Academia de Belas Artes.

A Maria Luísa ia vestida de cigana, disfarce que lhe ficava muito bem à sua pele trigueira e ao seu corpo esbelto.

O Armando era estudante de Direito, já no último ano do curso, filho de gente rica e com um bom nome social.

Maria Luísa, filha de um oficial do exército, vivendo apenas do seu soldo, não era partido que conviesse aos pais do rapaz, que desejavam para êle noiva com um bom dote.

Mas o amor é mais forte do que tôdas as autoridades, sejam elas paternas, e Armando, aceite o seu pedido pelo pai de Maria Luísa, que viuvo há anos queria ver a filha arrumada, casou uma manhãzinha naquela Igreja dos Mártires, muito da estima de Maria Luísa, que residia perto dali.

Os pais de Armando não assistiram ao casamento e não quiseram mesmo conhecer a noiva. Sabiam que era filha dum homem de bem e, embora contrariados por ela ser pobre, não opuseram resistência.

Mas ficaram nisso. Intimidades, não, e

PÁSCOA FLORIDA

logo declararam ao rapaz que não contactasse com êles para nada.

Ficaram vivendo com o pai dela, que morreu ao fim de três meses de vida em comum, consolado por ter deixado a pequena amparada.

Ele contava que o tempo acalmaria a

dar-lhes os beijos que sempre depunha no retratinho que trazia na caixa do relógio, onde duas cabecitas loiras pareciam sorrir-lhe.

O tio quiz que Armando ficasse por lá uns tempos, a pôr-lhe a administração da casa em ordem, pois andava tudo à matroca, porque o bom do homem estava adoentado, sofrendo do coração mais do que êle próprio supunha, porque o médico lho ocultava para não o assustar.

E como não melhorasse dizia ao sobrinho:

— Olha, acho que é melhor que fiques mais um ano, porque afinal tudo isto é para ti e, estando cá quando eu morrer, é muito mais fácil entrares na posse dos bens.

E de ano a ano, Armando ia ficando, pensando nos filhos e na mulher e no futuro de todos. Não desejava a morte do tio, mas sabia pelo médico que não podia durar muito e não queria contra-lo.

Nessa manhã de Páscoa, onde começa a minha narrativa, Maria Luísa como prometeu, saíu com as crianças e diante da imagem de Cristo, aquele Cristo morto que ela adorava, ajoelhou, e pediu com mais fé do que nunca:

— Jesus, meu amado Senhor, ouvi-me. Trazei-me o meu marido, mesmo sem fortuna, sem nada. Já não posso suportar esta saudade. Jesus! Fazei que êle venha, e matai a minha sêde de amor, como a Samaritana apagou, com a sua ânfora, o fogo que vos ressequia os lábios divinos.

Quando chegou a casa, a criada abriu-lhe a porta com um ar de mistério que a sobresaltou. Num pressentimento, correu para o quarto, e lá encontrou, de braços abertos para ela, o marido, que

querendo surpreendê-la encetára a viagem sem a prevenir. O tio morrêra e, tudo liquidado, apressou-se a juntar-se à sua mulhersinha e aos filhinhos que logo lhe saltaram ao pescoço, como se o tivessem deixado há pouco.

Maria Luísa soubera fazer com que êles amassem o pai, antes de o verem em carne e ôsso, só pela fotografia, que ela sabia tornar, com as suas palavras, viva e palpitante, no coração das crianças.

E foi uma Páscoa florida de risadas infantis e carícias de dois entes de quem o destino separou os corpos, mas nunca desuniu as almas.

Quando se sabe amar e esperar, a recompensa chega sempre, cedo ou tarde.

Mercedes Blasco.



A Samaritana
(Gravura de J. Staal).

irritação do sogro de Maria Luísa, sobretudo, como era de esperar, se viesse um herdeiro pequenino. As crianças, na sua santa inocência, têm artes para converter o mais severo dos homens, no avô mais carinhoso e lamecha.

Entretanto, o Armando que abria banca de advogado, mas que em vão esperava os clientes, lembrou-se que tinha em S. Tomé um tio, rico fazendeiro, que decerto o ajudaria nos começos difíceis da sua carreira.

E, depois de uma despedida pungente em que Maria Luísa lhe segredou ao ouvido as palavras maravilhosas que acendem nos corações a ância de viver para as criaturinhas que são carne da nossa carne, alma da nossa alma, Armando embarcou em busca da fortuna.

E já lá iam três anos de ausência e as crianças cresciam sem que o pai pudesse



à pesca

O Lopes, sempre que queria vê-se livre da mulher, por algumas horas, inventava que ia á caça.

Um dia, em que andou na pandega até á hora do jantar, para que a mulher não duvidasse de que andára caçando, comprou duas perdizes que levou para casa.

— Que é que você andou a fazer, todo o santo dia, lá por fóra?

— Essa é boa... Andei a caçar e para prova aqui estão estas duas perdizes.

— Não seja intrujão. Como é que tu mataste as perdizes, se deixaste a espingarda em casa?...

O Lopes coçou a cabeça e disse:

— Ai, a minha cabeça! Por isso, é que sempre que dava um tiro, dizia cá comigo: "Tenho a impressão de que me falta qualquer coisa"... Era a espingarda.

— O que é independencia?— pergunta a mulher ao marido.

— Independencia é uma pessoa ter a chave da casa para entrar ás horas que lhe apetece e em casa não ter mulher.

Num consultorio oftalmológico:

O doente — Estou vendo que o tratamento me vai custar muito dinheiro.

O medico — Vê, como já começa a ver alguma coisa?...

— Que horas são?— pergunta a mulher ao marido, que recolhe nos bicos dos pés.

— E' uma hora.

Neste momento o relógio dá quatro horas.

— Já disse que é uma hora... Não é preciso repeti-lo quatro vezes.

Na estação do Cais do Sodré:

— Um bilhete de ida e volta.

— Para onde?

— Para aqui mesmo.

— Porque é que terão tão má fama as mulheres que servem de modelo aos pintores?

— Não sei, mas julgo que não são tão más como as pintam...

— Que tal dormiste?... A cama é um bocado dura.

— Dormi bem, porque me levantava de vez em quando para descansar.

— O doutor deveria comprar um automóvel.

— O quê?... — Vocês julgam que eu ainda mato poucas pessoas?

— Que tal esteve o banquete?

— Muito bom. A mim calhou-me a parte mais macia do frango assado.

— O peito?

— Não, o mólho.

Num manicómio, dois malucos admiraram um relógio, que acaba de ser colocado no corredor das celas. Um pergunta ao outro:

— Porque é que trariam êste relógio para aqui?

— Naturalmente, porque não regula bem.

Um admirador duma actriz oferecia-lhe, todos os dias, lindíssimos ramos das mais variadas flores, até que um dia lhe disse:

— Quando é que o meu amigo pasará da botânica à mineralogia?

— Haverá alguma coisa mais triste do que um homem sem pátria?

— Há, uma pátria sem homens.

Na América, numa agência de casa-mentos, aparece um sujeito que pede para vêr a fotografia da senhora que quere casar e tem um dote de trezentos mil dolares.

— Tenho muita pena, diz o empregado, mas as senhoras que têm para cima de cem mil dolares de dote, não fornecem retratos.

O padre vai confessar um bêbado, á hora da morte.

— É preciso que o meu amigo se reconcilie com os seus maiores inimigos, disse-lhe o sacerdote.

— Então dê cá um copo de água.

Entre vizinhas:

— Então, D. Augusta, sempre consegui colocar o seu rapaz?

— Felizmente.

— E em que o empregou?

— Está de aprendiz num atelier fotográfico.

— E vai bem?

— Muito bem. Já faz retratos de creança.

Um sabio notavel realizando uma conferencia sobre a influencia do sol, disse o seguinte:

— ... Porém o poder do sol vai diminuindo gradual e progressivamente e dentro de quarenta mil anos a terra será uma enorme bala de gelo.

— Dentro de quantos anos? — perguntou, angustiado, um dos ouvintes.

— Quarenta mil anos.

— Ah!... Está bem... Sempre me pregou um susto. Imagine que eu tinha ouvido quatro mil anos e com o amor que tenho á vida...

Entre mulher e marido:

— Ouviste a trovoada desta noite?

— Não ouvi.

— Foi terrível.

— Então porque me não acordáste? Bem sabes que não posso dormir, quando há trovoadas.

— Sabes? Mostrei ao papá os versos que me escreveste.

— E êle que disse?

— Ficou muito contente e declarou que estava afastado o perigo de me casar com um poeta.

A senhora — Você está doida, Maria? Meter uma criança num banho a 45 graus!

A creada — Ora, o pequenino, com um ano, percebe lá de temperaturas.

— Maria, acabo de encontrar a minha camisa côr de rosa, dentro do seu bahu.

— E' para que a senhora veja que cá em casa não se perde nada.

O menino comilão — Ó mamã, as girafas comem-se?

A mamã — Porque fazes essa pergunta?

O menino comilão — É, porque, se se comessem eu queria o pescoço.

O CARNAVAL

no Rio de Janeiro

decorreu, êste ano, com desusada animação



O Rei Momo — figura simbólica da alegria — entrou triunfantemente no Rio de Janeiro. Fez-se uma chegada simulada. O povo acorreu em massa ao cais. Empoleirado num carro triunfal, Sua Magestade percorreu as avenidas e ruas principais da cidade.

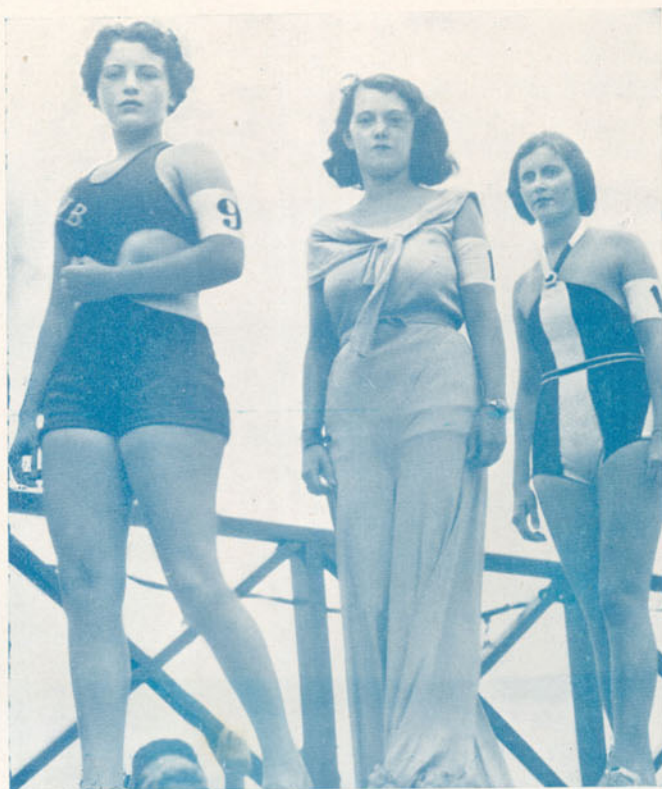
A ideia — que partiu do jornal *A Noite* — foi coroada de formidável sucesso. Foi o início das festas carnavalescas que na capital brasileira, são sempre grandiosas.



A noite de segunda-feira «gorda» no Teatro Municipal do Rio de Janeiro constituiu êste ano a nota suprema da elegância do carnaval carioca. O baile, que foi organizado pela Prefeitura, com o auxílio do «Touring Club» revestiu-se dum esplendor magnífico de fantasia, de gosto incomparável, tendo a êle assistido tudo quanto há na capital brasileira de mais distinto e de relêvo no mundo social. Para dar uma ideia do que foi a concorrência basta dizer que rendeu — só de entradas — para cima de 340 contos brasileiros. Não há memória da realização dum baile assim. Foi uma parada notável de distinção, tendo reinado grande alegria até de madrugada.



Na praia do Flamengo efectuaram-se grandes festas de Entrudo. Houve concurso de fatos de banho, confeccionados com papel. A gravura mostra-nos um alegre grupo de raparigas, envergando fatos de papel. Uma vez no mar, tudo se desfez. O traje suplementar de papel, ficou nas águas e depois realizaram-se outros concursos: de fatos de banho e de pijamas.



As três vencedoras dos concursos: de fatos de banho desportivos, de pijamas e de fatos-fantasia. A população aplaudiu calorosamente as premiadas. As festas de carnaval marcaram, êste ano, pela grande elegância e primorosa organização.



mesmas casas, mais ou menos ricas, a mesma gente, mais ou menos bonita, e apanhei a mesma chuva e o mesmo frio, *mais ou menos* insuportáveis.

Só uma coisa êle encontrou de novo no estrangeiro, e porque não foi lá fóra êste inverno: — a neve; mas a neve seria também sempre a mesma, mais ou menos abundante!

E' claro que, como fiz notar, o meu amigo viu tudo, apenas com o mesmo enfado. Porque, voltando ao exemplo da verdade de Maximo Gorcky, ela deve reduzir-se a que os pobres, e principalmente os rústicos, se parecem em todo o mundo, pelo que destingue a espécie humana, ou sejam os homens, da restante animalidade, tal como a natureza os fez de corpo e espírito, porque os civilizados, e sobretudo os civilizados ricos, são produtos manipulados, física e mentalmente e trazem o

FALANDO dos nossos pescadores não os diferenciei dos das outras costas marítimas do mundo, porque todos êles são, enfim, gente do mar. O mesmo vai sucedendo com a gente e os aspectos da Civilização — êsse outro mar agitado. E para se encontrarem os caracteres humanos, o ambiente vital, dum determinado país, é preciso ir-se, por assim dizer — à entranha dêsse país, lá onde o império da moda, da higiene e da cultura, não internacionalizou os perfis e as almas, e as criaturas parecem brotar espontaneamente, como as próprias pedras, da terra áspera ou florescente, do sol, mais ou menos forte e constante, do clima benigno ou agreste.

Maximo Gorcky — e só poderia ter sido um russo — disse, numa dessas verdades que nos surpreendem, que os pobres, e principalmente os rústicos, se parecem em toda a parte do mundo. Mas se assim é, o que diremos dos ricos principalmente dos civilizados, que teem a mesma apresentação, os mesmos costumes e os mesmos espectáculos internacionais? Ou então calmos no enfado de certo amigo que, depois de ter percorrido os grandes centros europeus, me dizia:

— Vi em todos os países os mesmos montes, mais ou menos altos, as mesmas árvores, mais ou menos numerosas, as

aspecto que o conforto, o sabonete, os alfaiates e até já uma complexa química, lhes deram, assim como um espírito que lhes fizeram os livros e o bom-tom, cada vez com maior uniformidade.

Então, sendo os rústicos produtos humanos naturais, só êles diferem, ou por outra, podem diferir, como tudo o que é da natureza, não sendo esta como o enfado daquêle amigo a viu, em toda a parte a mesma. E antes de mais, porque assim não é a própria crôsta da Terra, como os sábios dizem, e nós, os leigos, acreditamos à maneira de São Tomé; depois, porque essa crôsta pode ser elevada, convulsiva, estéril, ou suave e fértil; depois ainda, porque ha diversos climas no Globo, que, se não influem imediatamente nesses contornos, que podem êles próprios fazer um clima —, influem na sua tez e no seu florescimento. E, fi-

A GENTE E A ALMA DOS

nalmente, ha em maior ou menor quantidade, como resultado de tudo isso, uma coisa de que sempre os homens foram escravos, antes de o serem do dinheiro, das ideias políticas, da maquina, até dos deveres —, e que é a Beleza, que pode ser meiga ou grandiosa, havendo, segundo dizem, inclusivamente o «belo horrível».

E sendo assim, podendo uma determinada natureza, local, ter um certo recorte e uma têz própria, como um clima e um céu mais ou menos suaves, os seus indigenas são adaptadamente, não só como os conforma fisicamente a vida numa natureza mais ou menos agreste, mas ainda pelo espírito que daí lhes advém, como da simples presença, da contemplação do espetáculo envolvente, talvez tão só dum céu mais ou menos claro e repousado.

Os homens das montanhas, como aqueles que tiveram de lutar contra um clima rude, são naturalmente os mais robustos, e foi lá onde a natureza é desconfortada que a inteligência da raça branca teve mais necessidade de criar uma civilização, e melhor e mais rapidamente a fez progredir. Nós, cá no sul, tivémos disso, naturalmente, menos mistér, como naturalmente somos menos encorpados e activos.

Mas, e porque quero chegar aos caracteres, não duma natureza mas dum país —, direi que essa influência de ambiente natural, pôde divergir nos seus pormenores locais, ainda num país o mais



RUSTICA PORTUGUESES

uniforme, e assim verdadeiro como Portugal, onde, por exemplo, o soturno transmontano diverge do seu alegre visinho minhoto, como o fatalista alentejano do bem-disposto algarvio. E nós sentimos isso que está no intimo humano, com essa divergencia, essa transição brusca, melhor que ao atravessarmos de Traz-os-Montes para o Minho, por toda essa deslumbrante Ribeira de Pena, passando das longas, monotonas, entorpecentes só pelo aspecto, extensões alentejanas, para o âmbito loução, alácre, pululante do Algarve.

Porém, e aqui está uma prova em como, apesar de tudo, o nosso país é ainda muito uniformemente natural e portanto verdadeiro —, aquele meu amigo, ao atravessar a fronteira para Espanha, o mais certo pela Beira, deu, por muito enfadado que fosse, com a transição brusca, muito mais radical que as que apontei, na gente, na sua vitalidade, naquilo, na forma por que a população mais espontaneamente se manifesta. E, talvez que depois, só depois, êle encontrasse nas paisagens a razão de assim ser.

A transição, a mais brusca em Portugal, é a do alentejano para o algarvio, que está, como disse, no aspecto das suas províncias, é muito menos radical, pois que no algarvio encontramos qualquer coisa que estava no alentejano, e que é como um mesmo lirismo, um não sei quê de sonho, que culmina na boa-disposição de um, como no fatalismo do outro. Ao passo que, na mudança instântanea do



português beirão para o espanhol extremenno, nada encontramos num, do que estava no outro, mas uma maneira de ser que, se se exprime tambem pela mesma vitalidade súbita, nela não achamos, decerto porque a não compreendemos, qualquer coisa desse lirismo, desse espírito tão nosso, mas algo que antes nos parêce de um realismo crú, que nos surpreende. E, no entanto, as paisagens da Beira, especialmente da Beira-Baixa, são a continuação cosmológica das da Extremadura espanhola, e ainda de Castela, o prolongamento dos mesmos acidentes orograficos, que apenas se adoçaram.

Mesmo em Espanha, o andaluz difere, por exemplo, do asturiano, mas em ambos, como em todos os espanhóis, ha sempre a mesma maneira de ser, sacudida, imperiosa, com o mesmo desejo de tudo concretizar, ainda o que pareça mais fantástico. Na Andaluzia, onde ha quasi sempre sol e céu azul, um sol adusto, semi-africano, e que se é mesmo do Algarve, começa por se adoçar no intimo do algarvio como no azul de todo o Portugal, à semelhança das paisagens que nos vêm da Espanha. E vem a ser êste adoçamento do sol no intimo do algarvio, que o assemelha ao alentejano e aos portugueses mais distanciados como o minhoto e o transmontano, e ainda aos que ficam a norte. É o almo clima desta faixa ocidental da Ibéria, em que por condição cosmológica a terra se suavisa orograficamente, e que a corrente do Golfo tempera. São as paisagens de ondulação suave, de verduza rasteira ou de árvores que se reúnem em discretas assembleias, e onde uma ou outra casa muito branca e simples como um ninho se avista na calma dum céu evangélico, ou uma habi-



tação tósca, de pedra-vã se encortina no segrêdo dalgumas hastes, ainda como um ninho. São êses portugueses, calmos, concentrados em si, na sua alma, sem grandes exteriorisações, ao contrário dos espanhóis, antes propensos a tudo esbaterem num fumo de espírito, de sonho.

Os estrangeiros, que só com o progresso, digamos — de penetração, começam, enfim, a atravessar com o seu interesse a fronteira para cá dessa Espanha cálida e vibrante, que apenas compreenderam superficialmente —, talvez nunca compreendam esta grande Alma de Portugal. Nunca o nosso mestre-escama ambulante, lhes daria um Fíguro arrebatado, turbulento, romanesco; e, no entanto, que de profunda humanidade não haverá nesses diálogos breves, sóbrios, ingénuos, que troca com os seus fregueses de aqui e além? Que de humanidade singela, simplice, e por isso tão humana, se não concentra nessas mulheres que, como as de todo o mundo rústico, vão à fonte pela calma poética da manhã e da tardinha, e fiam toda a santa tarde o seu linho, como um destino branco e liso, onde palpita um coração, dócil, meigo — o integrado coração de Portugal!

Alcino Ribeiro.

(Fotos Mirão D'aga)

NESTE momento em que os crentes comemoram, nas trinta e três badaladas dos sinos de todo o mundo católico, o vigéssimo centenário da morte de Jesus Cristo, eu recordo a primeira vez que vi, na sacristia da Sé de Vizeu, uma das obras-primas da pintura portuguesa do século XVI: o *Calvário*, de Grão Vasco. Já sobre esse dia se passaram vinte anos, e ainda me lembro, tão vivamente como se fôsse ontem, da impressão que esse painel inquietante produziu no meu espírito. Sentado num dos escanos da sacristia, sôzinho, fiquei longo tempo a olhá-lo, enquanto — única nota de vida no silêncio da velha quadra deserta — se ouvia o tic-tac monótono de um velho relógio holandês. No primeiro momento — confesso — senti-me dominado pela emoção religiosa do assunto; depois, perante a maravilha de colorido, de movimento, de composição, que é o retábulo da antiga capela claustral do Calvário, foi a emoção estética que me subjugou; por fim, o sentido teológico e o sentido estético da obra desvaneceram-se perante uma emoção mais forte, a emoção puramente humana, o sentimento de confrangedora piedade pela morte do “homem divino” — como lhe chama Renan — tal é o naturalismo, tão forte a expressão de humanidade e de verdade com que está feita, na tábua de Grão-Vasco, a representação do suplício do Gólgota. De então para cá, mais de uma vez tive ocasião, nos meus passeios a Vizeu, de visitar e estudar essa obra fundamental da pintura portuguesa primitiva. E hoje, como há vinte anos, quando vejo o precioso retábulo, o que mais me impressiona não é já a obra-de-arte, tantas vezes admirada; não é já, na sua expressão dogmática, o mistério transcendente da Paixão; — é o facto em si, magistralmente narrado pelo pintor; é a espantosa tortura das execuções capitais por crucificação; é o bárbaro, o sangrento espectáculo que mestre Vasco Fernandes interpretou em imagens, com um poder de dramatização e de penetração psicológica só igualado, na pintura primitiva, por Van der Weyden, só excedido pelo realismo arrepiante de Matias Grünewald: — é, numa palavra, a morte de Cristo na cruz.

O *Calvário*, de Vasco Fernandes, retábulo armado sobre uma predela de três painéis, pintado no tempo de D. João III

para uma capela do claustro da Sé de Vizeu e transferido, mais tarde, para a sacristia, encontra-se hoje no museu regional da nobre cidade beirão, na sala chamada de Grão Vasco, ao lado de outras obras primas do mestre, como o célebre *S. Pedro*, o *Baptismo de Cristo*, o *Pentecostes* (inferior ao de Santa Cruz de Coimbra, do mesmo autor) e o *S. Sebastião*. Nessa representação opulenta e tumultuosa da crucificação de Cristo agrupam-se vinte e cinco figuras, e todas elas têm vida, todas elas têm expressão, todas elas desempenham um papel na animada narrativa do pintor, desde as grandes personagens clássicas do Evangelho, mais ou menos inspiradas nas hagiografias dos mestres flamengos e no programa iconográfico da *Legenda Doirada* de Tiago de Voragine, até às pequenas figuras episódicas que enchem o quadro, que contam cada uma a sua anedota, e que revelam o sentimento do pitoresco e as qualidades de observação do grande mestre da pintura portuguesa do século XVI.

A acção desenvolve-se em três planos. No primeiro, dum lado, a Virgem, “*juxta crucem, lacrimosa*”, numa atitude patética de aniquilamento e de dôr inspirada decerto em Rogério van der Weyden, os olhos semi-cerrados, as mãos pendentes, desmaia nos braços das Santas-Mulheres; do outro, um centurião romano, que mais parece um soldado de D. Manuel pronto a embarcar para a Índia, com o seu barrete de orelhas, o seu cossolete de ferro, os seus sapatos golpeados à francesa, o seu manto de admiráveis panejamentos vermelhos, levanta os olhos para Cristo moribundo. No segundo plano elevam-se as três cruces, a do meio *capitata*, as duas outras *commissae*, donde pendem os corpos dos três supplicados. No terceiro, desenrolam-se, em quatro grupos de figuras, o episódio de Madalena; o de Longuinhos, representado erradamente pelo pintor como um cavaleiro; o dos soldados, que bebem e jogam; o dos fariseus, verdadeiras caricaturas, expressões cúpidas e brutais, dividindo entre si, conforme o uso de que Artemidoro nos fala no *Onéitocriton*, os despojos das vítimas da lei. Para além, na terra árida e escaldada da montanha das execuções, a multidão assiste, curiosa, ao arquejar dos três corpos pregados nas cruces; correm homens carregando escadas aos ombros; adivinha-se, no arripio daquela atmosfera de catástrofe, a revoadas negras e longínqua dos corvos

O “CALVÁRIO” DE GRÃO VASCO



que se aproximam para o seu banquete nocturno. Toda a obra de pintura é maravilhosa. Todas as figuras estão vivas e narram o seu drama ou o seu episódio com eloquência e com sinceridade. O que, porém, mais interessa no painel dêsse narrador minucioso, que é Vasco Fernandes — um naturalista apaixonado pelos pormenores, como os velhos mestres flamengos — é a maneira por que ele com-

preendeu, interpretou e dramatizou, não digo já a personagem de Jesus, tão complexa e ainda hoje não discutida pelos teólogos, pelos historiadores e pelos médicos, — mas o horroroso suplício romano da crucificação.

O crucificado imortal, que, no dizer de Jules Boury, foi um “judeu fanático”; no de Reimarus, um ambicioso político; no de Gustavo Legeal, um

“vulgar filósofo alexandrino”; no de Renan, “um sublime revolucionário”, — é representado pelo pintor como um homem débil, loiro, cujo corpo, mal musculado, contrasta, de uma maneira impressionante, com os corpos trigueiros, robustos e anatomicamente mais perfeitos dos dois ladrões. Está pregado, conforme a opinião de Ireneu e de Santo Agostinho, numa cruz de quatro extremidades, *capitata*; ao contrário do que pretendem os gregos e S. Gregório de Tours, os pregos que lhe fixam os membros ao lenho são três, e não quatro; a posição do corpo só se justificaria se a cruz tivesse “estático”, para o paciente se apoiar, — o que, na crucificação, tornava o sofrimento menos violento, mas mais prolongado; os dedos das mãos estão contraídos, os dos pés em extensão, e a hemorragia produzida pelos cravos, como quasi sempre sucedia, é insignificante. Difere sensivelmente a forma de suspensão dos outros dois supplicados: em vez de os pregarem à cruz, amarraram-nos com grossas cordas; o estático falta e, entretanto, parece que o péso dos corpos não se faz sentir; houve o manifesto propósito, por parte do pintor, de tornar a execução dos companheiros de Jesus menos dramática, para que o seu suplício não suscitasse o mesmo movimento de compunção. Cristo já sofreu o golpe penetrante da lança no hemitórax direito; mas está vivo ainda, porque o sangue goteja da ferida. O exame dos corpos dos dois ladrões mostra ter-se exercido já sobre eles a repugnante operação do *crurifragium*: acima e abaixo dos joelhos vêm-se os sinais da maça de ferro que lhes quebrou os ossos das pernas. É, porém, tão sábia a composição do quadro, que, a despeito da riqueza e da variedade dos episódios, a despeito, mesmo, do vigor com que o pintor tratou a nudez dos outros crucificados, todas as atenções convergem para a figura do herói incomparável da Paixão, representado no momento em que pronuncia o “*consummatum est*” e curva a cabeça para morrer. Os horrores da morte por crucificação evoca-os o mestre português do *Calvário*, não com o impiedoso e quasi sacrilego realismo de Grünewald, no trípico célebre de Colmar, mas com um sentimento cheio de unção e de piedade. Como se sabe, o que tornava esta espécie de tortura mais confrangedora do que todas as outras, era o longo tempo da sua duração. Em geral, como refere Petronio no *Satyricon* (cxi, cxii), os su-

plificados conservavam-se vivos na cruz durante três ou quatro dias; e alguns, de mais forte compleição, resistiam ao suplício e morriam de fome. A causa habitual da morte era a tensão forçada dos membros, determinando a rigidez de todo o corpo — evidente no Cristo de Grão Vasco — a supressão dos movimentos inspiratórios, a consequente diminuição da hematose e perturbações graves na circulação. O grande mártir do Gólgota, porém, crucificado ao meio dia, veio a expirar ao fim de três horas, apenas, de suplício. Se, fora das interpretações teológicas, sem dúvida respeitáveis, quisermos procurar uma razão que justifique a relativa brevidade do seu padecimento, temos de ir encontrá-la numa apoplexia, na ruína instantânea de um vaso na região do coração, numa síncope cardíaca, ou numa embolia da artéria pulmonar, que ofereceriam ao Nazareno a misericórdia de uma morte súbita. Num dos Evangelhos secundários, o de S. João (xix, 34), diz-se que o golpe de lança, vibrado ao peito do Redentor, fez brotar “sangue e água”. Tomando à letra o texto do apóstolo místico que escreveu o Evangelho do Amor, pode admitir-se que o filho de Maria — “homem divino”, sujeito a todas as misérias da natureza humana — sofresse de uma pleurisia antiga; mas os embaraços causados à circulação do sangue pela posição violentamente forçada dos braços, bastam para explicar o hidrotórax, se êle realmente existiu. A violência dessa atitude não é muito sensível no retábulo de Grão Vasco; mas não seria lícito exigir que o mestre do *Calvário* se antecipasse na interpretação de factos que constituem aquisições ulteriores da ciência médica. Em Vasco Fernandes, como nos mestres de Gand, de Bruxelas e de Bruges, as fortes tendências naturalistas não prejudicam o efeito religioso e espiritual da obra. Com que dignidade, com que serena resignação, com que expressão ao mesmo tempo humana e divina, sofre e morre nesse painel, uma das obras máximas da pintura portuguesa, o Grande Crucificado que a consciência universal considera filho de Deus e cujo martírio — mais do que a sua própria filosofia — transformou a face do mundo! Como o sofrimento atroz da crucificação nos chega a parecer suave, quando olhamos aquele rosto ensanguentado, mas nobre; lívido, mas sereno; contraído de dor, mas luminoso de perdão!

Júlio Dantas.

Mulheres-polícias



Na América do Norte, Alemanha, Inglaterra, Suíça, Polónia e Dinamarca existem mulheres-polícias há muito anos. No entanto, a Inglaterra é quem possui um corpo feminino policial maior. A nossa gravura mostra-nos miss L. F. Campbell, que foi nomeada recentemente seu comandante em chefe.

No Vaticano



O aparelho de Radio do Vaticano está colocado dentro dum móvel veneziano do século XVI e foi classificado como sendo o mais rico do mundo.

PELO MUNDO FÓRA

A situação financeira nos Estados Unidos



A crise norte-americana determinou o encerramento, embora momentâneo, do maior centro financeiro do mundo: a bolsa de New-York. Esteve fechada durante oito dias. Devido a determinadas medidas tomadas por Roosevelt entrou-se numa nova fase, tendo-se retomado as operações bancárias mas sem a confiança anteriormente depositada em vários estabelecimentos financeiros. Depois de ter caído o prestígio da libra só o dólar faltava. O grande «hall» da bolsa de New-York, mais conhecido pela «Wall-Street», esteve deserto durante oito dias. Suspendeu-se o ritmo do movimento formidável do capital norte americano. Mas tudo serenou — embora aparentemente — e a vida continuou a correr...

Uma aula numa praia da Califórnia



Na praia de Santa-Mónica, na Califórnia, funciona, durante o verão, uma escola. Os alunos beneficiam das vantagens dos banhos de sol ao mesmo tempo que estudam.

Um grande exemplo de honradez



Um «chauffeur» de Madrid, encontrou no seu taxi, deixadas por dois milionários das ilhas das Filipinas, duas malas que continham joias e cartas de crédito, no valor de dois milhões de pesetas. Correu ao hotel e entregou o achado. Sabem os leitores qual a recompensa recebida? Duzentas pesetas. A imprensa madrileña censura o facto, elogiando a acção honrada de Francisco Angulo del Coso — o «chauffeur».

A graça alheia



Bismarck



Kaiser



Hindenburg

Bruning



Hugenberg



Hitler

OS GRANDES HIGODES DA ALEMANHA VISTOS POR UM CARICATURISTA.

...



— TIRASTE NOZES DE CIMA DO ARMÁRIO?
— DIZ A VERDADE QUE EU NÃO ME ZANGO.
— TRESI PAPÁ!
— COM QUE AS PARTISTE?
— COM O TEU RELÓGIO DE OURO.

Prêmios literários



MARIANO DE CAVIA — jornalista e escritor de grande renome em toda a Espanha — legou um prêmio literário para ser conferido, anualmente, ao autor da melhor reportagem publicada na imprensa espanhola. O referente a 1933, foi concedido ao conhecido jornalista Pedro Massa, pelo seu artigo intitulado «Sardaña en la montaña y sardaña en la ciudad» inserto no semanário madrileño «Crónica».

Jogos florais em Nice



POR ocasião dos festejos, que duraram uma semana, em Nice, realizaram-se interessantes Jogos Florais. Um dos numeros consistia no desfile de carros engalanados. Obteve o primeiro prêmio o carro «Elefante real», de monsieur e madame Graziani.

Transfusões de sangue



O professor Judine — uma sumidade russa — acaba de concluir, com grande êxito, os seus estudos sobre a transfusão de sangue do cadáver do homem. É uma descoberta que vem revolucionar a ciência médica. Judine, que dirige os serviços da «cirurgia de urgência» no Instituto Sklifassowsky, de Moscou, vai brevemente a Paris apresentar, ao mundo médico, os resultados da sua descoberta.

PELO MUNDO FÓRA

A mulher espanhola e o desporto



EM Madrid disputou-se ultimamente um torneio regional feminino de «hockey». Venceu a equipe do «Club de Campo». Em segundo lugar classificou-se a equipe do «Athletic Club». Essas equipes — a do «Club de Campo» publicamos acima — vão tomar parte no próximo torneio internacional, que se realizará em Madrid este verão.

Uma expedição ao Monte-Everest



CINCO expedicionários ingleses voaram sobre o Monte-Everest. Dois aviões alcançaram Kanchenjunga, uma das montanhas do Himalaia que até agora tem desafiado todos os esforços dos melhores alpinistas.

A mulher e a luta grego-romana



ANDA percorrendo o mundo um grupo de mulheres lutadoras. Estiveram em França, Bélgica, Inglaterra, Alemanha e encontram-se agora em Espanha. A chefe da «troupe» é uma argentina. Em Paris, o campeonato foi ganho por Sandra Porter. Na gravura, vêm-se, rodeando o árbitro, as seguintes lutadoras: De pé, da esquerda para a direita: Simonka (checo-eslovaca), Rosita (argentina), Rita Scotti (italiana), Rosa Anton (espanhola), Sandra Porter (francesa), Zulima (turca), Rosa Stagner (alemã) e Silvia (belga). Sentadas: Lolita (espanhola), Lulita (brasileira) e Maria Paloma e Mercedes Saenz (espanholas).

Novos cardeais



REUNIU no Vaticano, o Consistório Secreto. Sob a presidência de Pio XI assistiram vinte e três cardeais. Foram nomeados novos cardeais as seguintes entidades eclesiásticas: monsenhores Dolci, Biondi, Fossati, Villeneuve, Dalla Costa e Innitza.

Ernesto Vilches



O grande actor Ernesto Vilches, que Lisboa conhece, é uma glória do teatro espanhol. Há muitos anos que anda fóra da sua pátria. Uma história de amor tem-lhe estragado completamente a carreira artística. Busca fóra da sua terra remédio para o seu male. Agora, anuncia-se novamente o seu regresso a Espanha, mas volta desiludido, triste e pobre... E é, talvez, o maior actor de comédia e drama dos nossos dias...

A graça alheia



— VAL-TE DAQUI GAROTO...
— FALAS DESSA MANEIRA POR QUE TENS AI UMA ESPINGARDA...

O DESPORTO

apreciado pelo artista de cinema
Douglas Fairbanks, o eterno moço



SENDO o cinema uma arte de estética e um espectáculo de movimento, era natural que aos seus cultores seduzisse a actividade desportiva, quer como factor de auto-preparação, quer como pretexto às suas exhibições. O actor de cinema está mais que qualquer outro sujeito à necessidade de manter uma perfeita forma física que depende em primeira instância da prática do exercício gymnástico e desportivo, precioso prolongador da mocidade.

Não temos portanto que nos admirar vendo o cuidado com que eles procuram conservar um justo equilibrio das suas faculdades que lhes permite iludir o efeito dos anos e figurar, na tela, uma juventude, uma elegância, um vigor que são dos melhores argumentos a invocar em apologia do beneficio da prática desportiva.

O exemplo mais frisante desta teoria é-nos fornecido pelo afamado Douglas Fairbanks, cujos cincoenta anos parecem uma adolescência, e que em seus filmes faz alarde de uma agilidade, de um poder atlético que são com efeito atributo exclusivo de uma mocidade real

O segredo do imutável Douglas, a água de Juventude que lhe faculta a perene juventude, é apenas a cultura física metódica, que é regularmente praticada e com a qual preenche todos os seus momentos de ócio profissional. Entrevistado recentemente sobre o assunto, Douglas pronunciou estas palavras, dignas de um mentor desportivo ou de um orientador da educação física:

— Não gosto da preguiça, porque me não satisfaz. Procuo ocupar cada hora do dia com qualquer manifestação de actividade física ou intellectual, sempre estimulante. A maior parte das pessoas aconselha esquecer o trabalho e as pro-

grande vantagem de estabelecer um equilibrio estável entre o corpo e o espirito, dando-nos uma concepção sã e confiante da vida de maneira que as contrariedades e desgostos nos não causam desânimo, e os triunfos não motivam exagerado conceito da nossa pessoa.

Considero o exercicio fisico como o maior paliativo da nossa civilização emoliente e desmoralizante: por seu intermédio se compreenderá que o produto e recompensa do trabalho estão longe de equivaler o próprio trabalho e que o único prazer duradouro provém de uma actividade incessante.»

Estas afirmações, verdadeira profissão de fé de uma nobreza admirável, caracterizam perfeitamente a personalidade de Fairbanks, tal como ela se nos tem mostrado na maioria das suas produções cinematográficas e que lhe merece uma popularidade universal.

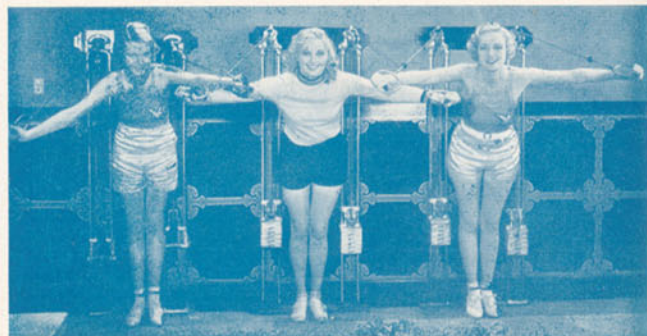
O que é porém defende com sinceridade, outros exibem por snobismo, e a par do grande Douglas, de um Weissmuller, de um Richard Arlen, de um Reginald Denny, muitos se nos apresentam em atitudes desportivas que tem tanto de artificial como de ridículo.

S. C.



cupações ao abandonar o escritório, no fim da jornada. Eu penso com frequência nuns e noutros e, às vezes, as melhores ideias ocorrem-me ao despertar. Nos casos de grande fadiga, não me apetece o repouso, mas sim uma mudança de actividade. Estou mentalmente extenuado? Entrego-me aos exercicios do corpo. A distração é muito maior do que se me sentasse pensando no grau da minha fadiga, porque nada fazer é a ocupação mais fatigante do mundo e mesmo, como repouso apoz um árduo labor, pouco recomendável.

Quando abandonamos o movimento e a luta, cessamos praticamente de viver. O meu antídoto contra esta perigosa tentação, o único remédio que tomo para conservar uma perfeita saúde física e moral, é uma severa preparação gymnástica. O exercicio activo tem a



Engenheiro Araujo Correia



NA Sala Algarve da Sociedade de Geografia, realizou há dias uma interessantíssima conferência sobre «O génio da raça» o ilustre engenheiro Araujo Correia. Foi um acontecimento literário, não só pela novidade da tese, como pela inteligência dos argumentos. O conferencista impoz-se pelas suas idéias claras e soube interessar vivamente o auditório. Apresentou um trabalho, escrito com o maior cuidado, onde há elevação e sobriedade.

D. Guiomar Fagundes



O Brasil artístico está sendo admirado em Lisboa. Exibe-se no Coliseu uma companhia da revista brasileira e no salão de exposições de «O Seculo» tem expostos alguns quadros de grande valor, a pintora carioca sr.^a D. Guiomar Fagundes. A crítica de arte pronunciou-se, com rasgado elogio, aos trabalhos da ilustre artista. De entre os quadros menciona, como obras primas: «A Ceia dos Cardeais» e «Cravos».

Alves da Cunha



DEPOIS duma «tournee» a Angola e Moçambique, onde foi aplaudido com grande entusiasmo, voltou a trabalhar em Lisboa o grande actor Alves da Cunha, uma das maiores figuras da cena portuguesa. Pena é que o notável comediante não tenha um teatro, ou não haja um empresário, que o contratasse, para que Lisboa o pudesse ver trabalhar permanentemente. Valores no teatro, como o de Alves da Cunha, é raro aparecer. O seu formidável talento histrionico merecia do público um grande carinho.

NOTICIAS DA QUINZENA

Professor dr. José Caeiro da Mata

Ao primeiro governo constitucional da nova fase da República deu o prestígio do seu nome o ilustre professor sr. dr. José Caeiro da Mata, assumindo o encargo da pasta dos estrangeiros. Na hora delicada que o mundo atravessa e que nervosamente se debatem os mais graves problemas, apelando-se para o



patriotismo do eminente professor de direito internacional, este não pôde deixar de lhe dár a sua cooperação, principalmente tratando-se duma pasta que, agora mais do que nunca, exige a competência aliada

a um ferveroso e dedicado amôr pela Pátria e uma insofismável fé nos destinos da República.

O monumento ao Soldado Português



No dia 9 de Abril, inaugurou-se no talhão do cemitério do alto de S. João, destinado aos que se bateram na África e em França, um monumento, colocado sobre o ossario, que domina todo o recinto onde estão as sepulturas. É uma figura enérgica de soldado, esculpida pelo grande artista Maximiano Alves. A cerimonia da inauguração foi simples, mas teve um alto significado. A iniciativa pertence á Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Engenheiro J. E. Dias Costa



DEU á estampa um notavel trabalho sobre «A moratoria brasileira e a economia brasileira» o distincto engenheiro J. E. Dias Costa. O caso da suspensão do pagamento dos juros e fundos de amortização dos titulos da dívida externa brasileira na posse dos portugueses, que se calcula atingirem a enorme soma de cincoenta milhões de libras, já traído pelo autor, em varios artigos publicados no *Diario de Noticias*, vem agora, em volume, novamente a publico. Trata-se duma obra solidamente documentada, estudada com observação e que tem tamanha importancia que basta dizer que afectou a economia nacional, pois que os portugueses deixaram de receber do Brazil, anualmente, três mil libras.

Dr. Lopo de Carvalho



ESTÁ reunido em Lisboa o Congresso de Anatomia. O acto inaugural realizou-se na Faculdade de Medicina de Lisboa, sob a presidencia do sr. dr. Sobral Cid, director da Faculdade.

Na primeira sessão scientifica realizada, apresentou uma importante comunicação o ilustre professor sr. dr. Lopo de Carvalho, de colaboração com os srs. drs. Herculano de Carvalho, Vasco de Lacerda e Carlos Vidal, sobre um metodo novo para o estudo da anatomia do pulmão.

Julião Quintinha



JULIÃO Quintinha — incontestavelmente um nome no jornalismo português — acaba de publicar um livro, a todos os titulos, notavel. Intitula-se «Imagens da Actualidade» e nele são estudadas as grandes figuras literarias do seculo XIX: Junqueiro, Teófilo Braga, Antero, Raul Brandão, Camilo, Fialho, Eça, Gomes Leal e Wenceslau de Moraes. Dessa obra, transcrevemos noutro local, a ultima entrevista que Teófilo concedeu á imprensa e que foi realizada por Julião Quintinha.

Passou mais um aniversário do «9 de abril». Essa data, para os que combateram na Flandres, está sempre na sua memória. Para os outros, não. É necessário dizer-lhes o que se passou na manhã de 9 de abril de 1918, nas planícies de La Lys. Quem melhor do que Ferreira do Amaral — essa figura de militar que encarnava o Portugal de todos os tempos — o poderá fazer? O seu estudo sobre o «9 de abril» é uma obra onde se enstia os portugueses demetados ou indiferentes o que foi a resistência heroica dum punhado de soldados que se bateu na Grande Guerra, fazendo face a oito divisões alemãs. Por isso, vamos transcrever alguns capítulos. Os portugueses — na sua maioria — ainda hoje não sabem, por exemplo, que a primeira vitória sobre os alemães, em Neuve-Chapelle, foi obtida pelo alferes miliciano de infantaria 19 — António Teixeira — que conseguiu repulir com o seu pelotão, duas companhias alemãs, fazendo alguns prisioneiros, e por esse feito foi promovido, por distinção, a tenente e condecorado com a Cruz de Guerra e a «Military Cross». E o alferes António Teixeira tinha apenas 18 anos! Não sabem, talvez, também, que o único golpe ofensivo vibrado contra o inimigo, foi o raíd comandado pelo capitão Ribeiro de Carvalho. Foi por isso, promovido a major e condecorado com a Cruz de Guerra, a «Military Cross» e a Torre Espada. Tinha 28 anos!

Não é demais afirmar, que a volta do atalide dos portugueses, que morreram na Grande Guerra, os bons patriotas se deviam unir e redimir do mal passado. O dia 9 de abril devia ser de «oração nacional», pelo respeito que deviam merecer aqueles que se bateram, quer em França, quer em África.

Do que foi o «9 de abril» fala bem esse soldado que foi Ferreira do Amaral. Coração aberto, real, grande carácter, valente como já não se usa ser, merece da Ilustração, a homenagem que hoje lhe presta, transcendendo alguns capítulos do seu livro sobre «A batalha de La Lys»:

tra Amiens, lançar outro contra Calais e Boulogne, marcando o dia 9 de abril para o seu início, como podia ter marcado o dia 8, o dia 10, ou qualquer outro do mês de abril.

A 2ª Divisão Portuguesa, estava nesse dia guarnecendo a frente que cortava o caminho que Ludendorff necessitava ter livre, para se aproximar de Calais e Boulogne.

Dai o éle ter, inevitavelmente, que vir às mãos com os Portugueses!

Dadas estas condições, começou a abrir caminho a tropas de artilharia pelas 4 horas e meia da manhã desse dia; pelas 8 horas da manhã, entendeu que já era azado mandar avançar a sua infantaria; às dez horas e meia alcançava essa infantaria algumas baterias da nossa artilharia de campanha na nossa esquerda e, às onze horas e meia da manhã, tinha o inimigo conseguido matar, varrer e aprisionar, uns milhares de portugueses, que não o queriam deixar efectuar as suas decisões.

Para isso entendeu e muito bem, que tendo começaram a acusar-se mutuamente de responsáveis pelo que se passou, nos pântanos da Flandres, no dia 9 de abril de 1918, esquecendo-se todos eles de que o general alemão Ludendorff não consultou nenhum dos partidos políticos de Portugal para tomar a deliberação de forçar o caminho de Calais, nesse dia; e que também não explicou a nenhum político do nosso país, porque é que não deliberou atacar esse ponto da frente aliada, antes ou depois de 9 de abril de 1918!

Os políticos denominados «democráticos» vomitam pragas contra os chamados «sidonistas», acusando-os de responsáveis pelo desastre de 9 de abril, o que nos leva a concluir que estão convencidos, o que sabem de fonte segura, que os «sidonistas» pediram ao general alemão a fineza de atacar os portugueses, sem falta, nesse dia!

Em revindicta, os «sidonistas» despejam sobre os «democráticos» os maiores diatribes, tornando-os responsáveis pelo desastre de 9 de abril; e deste modo, devemos o podemos concluir que os «sidonistas» possuem documentos, em que provarão, a seu tempo, que o governo que mandou as tropas para o «Front» ocidental, empregou todos os esforços para que os portugueses fossem colocados num sector, que de antemão se sabia dever ser atacado no dia 9 de abril de 1918!

Ambos os adversários chamam «desastre» ao que se passou nesse dia com os portugueses, que procuraram evitar o avanço alemão até onde o seu máximo esforço o permitia.

E caso para notar uma falta que ambos os partidos cometeram, para se poderem mutuamente; foi o não terem enviado a tempo, delegados especiais para assistirem ao «desastre»!

Mas há mais, em começos de 1920, apareceram pelas livrarias duas brochuras, que se referem, com certos detalhes, ao 9 de abril.

O SANGUE PORTUGUÊS QUE CORREU NA FLANDRES e como descreve Ferreira do Amaral A BATALHA DE LA LYS

com o seu pelotão, duas companhias alemãs, fazendo alguns prisioneiros, e por esse feito foi promovido, por distinção, a tenente e condecorado com a Cruz de Guerra e a «Military Cross». E o alferes António Teixeira tinha apenas 18 anos! Não sabem, talvez, também, que o único golpe ofensivo vibrado contra o inimigo, foi o raíd comandado pelo capitão Ribeiro de Carvalho. Foi por isso, promovido a major e condecorado com a Cruz de Guerra, a «Military Cross» e a Torre Espada. Tinha 28 anos!

Não é demais afirmar, que a volta do atalide dos portugueses, que morreram na Grande Guerra, os bons patriotas se deviam unir e redimir do mal passado. O dia 9 de abril devia ser de «oração nacional», pelo respeito que deviam merecer aqueles que se bateram, quer em França, quer em África.

Do que foi o «9 de abril» fala bem esse soldado que foi Ferreira do Amaral. Coração aberto, real, grande carácter, valente como já não se usa ser, merece da Ilustração, a homenagem que hoje lhe presta, transcendendo alguns capítulos do seu livro sobre «A batalha de La Lys»:

tra Amiens, lançar outro contra Calais e Boulogne, marcando o dia 9 de abril para o seu início, como podia ter marcado o dia 8, o dia 10, ou qualquer outro do mês de abril.

A 2ª Divisão Portuguesa, estava nesse dia guarnecendo a frente que cortava o caminho que Ludendorff necessitava ter livre, para se aproximar de Calais e Boulogne.

Dai o éle ter, inevitavelmente, que vir às mãos com os Portugueses!

Dadas estas condições, começou a abrir caminho a tropas de artilharia pelas 4 horas e meia da manhã desse dia; pelas 8 horas da manhã, entendeu que já era azado mandar avançar a sua infantaria; às dez horas e meia alcançava essa infantaria algumas baterias da nossa artilharia de campanha na nossa esquerda e, às onze horas e meia da manhã, tinha o inimigo conseguido matar, varrer e aprisionar, uns milhares de portugueses, que não o queriam deixar efectuar as suas decisões.

Para isso entendeu e muito bem, que tendo começaram a acusar-se mutuamente de responsáveis pelo que se passou, nos pântanos da Flandres, no dia 9 de abril de 1918, esquecendo-se todos eles de que o general alemão Ludendorff não consultou nenhum dos partidos políticos de Portugal para tomar a deliberação de forçar o caminho de Calais, nesse dia; e que também não explicou a nenhum político do nosso país, porque é que não deliberou atacar esse ponto da frente aliada, antes ou depois de 9 de abril de 1918!

Os políticos denominados «democráticos» vomitam pragas contra os chamados «sidonistas», acusando-os de responsáveis pelo desastre de 9 de abril, o que nos leva a concluir que estão convencidos, o que sabem de fonte segura, que os «sidonistas» pediram ao general alemão a fineza de atacar os portugueses, sem falta, nesse dia!

Em revindicta, os «sidonistas» despejam sobre os «democráticos» os maiores diatribes, tornando-os responsáveis pelo desastre de 9 de abril; e deste modo, devemos o podemos concluir que os «sidonistas» possuem documentos, em que provarão, a seu tempo, que o governo que mandou as tropas para o «Front» ocidental, empregou todos os esforços para que os portugueses fossem colocados num sector, que de antemão se sabia dever ser atacado no dia 9 de abril de 1918!

Ambos os adversários chamam «desastre» ao que se passou nesse dia com os portugueses, que procuraram evitar o avanço alemão até onde o seu máximo esforço o permitia.

E caso para notar uma falta que ambos os partidos cometeram, para se poderem mutuamente; foi o não terem enviado a tempo, delegados especiais para assistirem ao «desastre»!

Mas há mais, em começos de 1920, apareceram pelas livrarias duas brochuras, que se referem, com certos detalhes, ao 9 de abril.

Uma é a tradição francesa dum obra escrita pelo general alemão Erick Ludendorff, devida ao general Buat, do Estado Maior Francês do marechal Foch.

A outra brochura que apareceu, foi um volume de 260 páginas, com o título de «A Batalha do Lys», da autoria do general português Gomes da Costa.

Comparando o que cada uma diz, vê-se que há muitos pontos de contacto nas referências de ordem técnica, tendo em linha de conta o papel de cada um dos generais na batalha, durante aquele dia.

De facto, o general Gomes da Costa comandando uma simples divisão, referiu factos que não constituem preocupações de um general que exerce funções tão altas como as que exerce o general Ludendorff.

Porém, o general alemão nos seus «Souvenirs de Guerra», e o general português na sua «Batalha do Lys», não acham que nesse dia houvesse «mas o» para os portugueses; antes são concordes em que tudo correu com a normalidade com que costumam decorrer as cousas da guerra em dias de combates!

É curioso ir comparando o que escrevem ambos, sem se conhecerem, nem sequer de vista!

É mesmo natural que os políticos, em Portugal, acabem por convencerem-se de que tecem insuficiência moral, mental e profissional, para classificarem o procedimento dos soldados que tomaram parte na batalha do Lys, assunto que só a estes pertence explicar, não podendo cons-

tituir matéria para abelhudos e ociosos, a quem a paixão pessoal, a ausência de corpo e a incompetência na arte ou ciência da guerra, tiram toda a autoridade. Mesmo entre militares, de há muito é axiomático que, sendo políticos apaixonados e de profissão, não passam de soldados medeiros.

O brío militar e o prestígio necessários ao comando de tropas, são incompatíveis com a profissão de político em qualquer país e Portugal não pode reservar-se o privilégio de ser excepção à regra; de onde se vê que o «9 de abril» não pode constituir prato do dia para os abelhudos que aspiram só política.

A CRUZ DE GUERRA PORTUGUESA

O cidadão português se vê uma Cruz de Guerra Portuguesa ao peito de um oficial, de um sargento ou de um soldado, ri-se desdenhosamente e o socapa vai dizendo aos seus amigos, piscando o olho com ares saúdos:

«Agulha!... Agulha!»

Não há dúvida que é uma fita com um bocado de bronze pendurado!

Mas o que esse pedaço de bronze simboliza não o sabem 99% dos cidadãos portugueses!

Esse pedaço de bronze tem a forma de uma cruz, como de resto a têm a Cruz de Guerra Francesa, a Military Cross Inglesa, a Cruz de Ferro Alemã, etc.

Porém, para nós, Portugueses, a forma da nossa Cruz de Guerra representa as mais sagradas tradições da nossa nacionalidade.

Foi à sombra dessa Cruz, que Afonso Henriques talhou a Nação Portuguesa.

Antes dele, no tempo do conde D. Henrique e depois dele até D. Deniz, não houve em terras de Portugal, golpe de espada, lançada ou cutilada, que os portugueses não dessem, tendo essa cruz por testemunha.

A nossa Cruz de Guerra é a Cruz da Ordem dos Templários! Quando o Rei Afonso VI de Espanha entregou a D. Henrique o condado de Portugal e lhe deu a mão de sua filha D. Teresa, apareceram também, ao lado da Infanta de Portugal, um grupo de homens que se vinham batendo em terras de Espanha desde data anterior a 1021 contra os mouros. Essa pleiade de bravos que se bateram tanto por fé religiosa como pela temeridade incontestada, foram mais tarde os melhores cooperadores de seu filho D. Afonso Henriques.

Essa gente que muitas vezes rezou as suas orações preces ao altíssimo, dando cutiladas formidáveis de cima dos seus ginets de guerra, eram os Templários.

Em 1306 foi extinta essa Ordem de Cavalaria pelo Papa Clemente V.

As causas da extinção foram os abusos e a imoralidade dos Templários em França.

Os de Espanha e de Portugal embora isentos de culpa foram arrastados pela extinção geral da Ordem.

No entanto Portugal em 1319 pela pessoa do Rei D. Deniz, reagiu contra a extinção e confissão de bens criando a Ordem de Cristo e entregando a essa ordem todos os bens dos Templários bem como entregando também a estes a continuação das suas honrosas tradições mas à sombra já da outra cruz, a de Cristo, que para nós, Portugueses, foi alguns séculos depois o símbolo das descoloretas através dos Mares, o símbolo dos mais altos serviços prestados à Pátria e à Humanidade. Alguns nomes bem

portugueses, figuram na lista dos Grão-Mestres da Ordem dos Templários, que em Portugal foram 28.

Em 1169 estando D. Afonso Henriques nas Caldas de Lafões (S. Pedro do Sul) doou aos Templários a terça parte de tudo quanto conquistaram aos mouros, na Alentejo, sob a condição de gastarem em serviço do rei, todos os rendimentos, em quanto durasse a guerra.

Como é sabido Afonso Henriques frequentava essas águas para se curar dos vários achaques e amigdalões que sofreu durante a sua vida de rei nos campos de batalha contra os mouros. Como se vê o famoso rei de Portugal ao doar aos Templários uma terça parte dos terrenos Alentejo não dava cousa que possuisse.

Antes esperava arranjar para si dois terços do trabalho alheio e ainda a despesa corria por conta dos Templários!

Pois toda essa enorme e longa epopeia de estocadas, golpes e correrias está representada hoje por um símbolo bem insignificante, na aparência. É a Cruz de Guerra Portuguesa; que hoje

constitua a tradição mais antiga das nossas Ordens de Cavalaria.

As medalhas de Cristo, Áviz, Sant'Iago e Torre Espada são hoje símbolos mais vistosos mas de menos tradições históricas do que o é a nossa Cruz de Guerra.

Eis o que o cidadão português precisa saber, porque em França não há nenhuma criatura do país que não saiba do princípio a fim, o que representa a sua Legião de Honra. Em Portugal os prémios desta natureza são conferidos conforme a natureza dos serviços ou méritos dos agraciados. Em França, a Legião de Honra representa o prémio de todos os serviços à Pátria e nem por isso o Francês tem menos consideração pela sua Legião de Honra que se muitas vezes representa o prémio do Valor, Lealdade e Mérito, outras vezes representa serviços prestados à Pátria e à Humanidade, outras vezes representa longos bons e reconhecidos serviços no Exército, e outras

vezes representa mérito literário, artístico ou científico.

Entre nós o cidadão português *disfruta* o uso das medalhas portuguesas.

Porquê? Acha demais o português a um francês se acha demais o número dos seus compatriotas agraciados com a Legião de Honra?

O curioso, porém, é que se o cidadão português vir uma Cruz de Guerra Francesa ao peito de um francês, não só cai de cócoras, mas ainda é capaz de dizer de boca aberta, a quem o quer ouvir:

«Agulha!... Agulha!... outra louca.

Pois o cidadão português que proceder assim mostra que é... pelo menos parvo e muito.

O regulamento da Cruz de Guerra Portuguesa é descalçado, sobre o regulamento da Cruz de Guerra Francesa, e este é por sua vez descalçado sobre o regulamento da Cruz de Ferro Alemã.

O regulamento da «Military Cross» Inglesa é idêntico aos precedentes.

Em França, na Inglaterra e na Alemanha, nestes três países pelo menos, estas fitas, penduricais ou porcarais de medalhas (como lhe chama o cidadão português) representam sempre a consagração do símbolo patente do último dos sacrifícios pela Pátria.

A primeira ideia que tais distintivos sugerem é a da bravura e do sacrifício nos campos de batalha ou a de serviços relevantes prestados à causa da Pátria, da Humanidade, da História e da Ciência.

Para o cidadão português (que os não possui) acha que são êsses modestos e inofensivos distintivos, que só representam valores morais são sempre uma *burla* ou uma *pretensão ridiculosa* e só com dificuldade é que o cidadão português se convence de que *agulha*, é alguma coisa, concluindo no entanto por precaução às vezes na mais desdenhosa e insolente atitude: «Mas então... agulha... para que serve?»

Um povo não pode descer a maior abjeccção, nem mais baixo, do que quando desdenha estupidamente o culto das suas tradições honrosas.

O cidadão português está nestes casos, porque por todos os meios procura afastar de si as páginas mais fortes da história do seu país.

Fá-lo por inveja pessoal, por orgulho mesquinho, por ignorância por estupididade ou por falta absoluta de brío?

Fá-lo por um pouco de cada uma dessas coisas e à força de reagir contra o culto da honra, do brío e dos seus pergaminhos, acaba por se esquecer do que a si próprio deve, e nesse arrastar de sentimentos mesquinhos acaba por descer à triste categoria de... animal.

Os soldados de Portugal, que estiveram na Flandres e sobretudo os sobreviventes da «BATALHA DE LYS», que no dia 9 de abril de 1918, se bateram ao lado de duas Divisões Britânicas, cedendo aos soldados do Império Alemão, apenas 8 quilómetros de terreno em 8 longas horas, debaixo de uma chuva de ferro e fogo, choram em silêncio, lágrimas sentidas. E nesse choro que lhe escolda as faces contraidas, só já lamentam uma única cousa!

terem nascido em Portugal! Porque se tivessem nascido em qualquer outro país não teriam sido, (pelo menos, alcunhados de comparsas e cumplices de um desastre! Num país dos que não entraram na guerra não sentiria indiferença e desconfiança insolente, miserável e caluniosa, dos seus concidadãos.

Em qualquer dos países que se b teu nesta guerra, vencido ou vencedor, sentiria que era duas vezes cidadão: primeiro porque tinha uma bandeira que representava para todos, compatriotas e estranhos, um símbolo de tradições honrosas, *alimentadas a todos os instantes pela maioria da população do seu país*; segundo, porque os seus compatriotas se sentiriam honrados por Eles e pelo Seu Estorço Particular e Pessoal no campo aberto aos maiores sacrifícios, à luta contra os maiores perigos, à chacinia diária sem restrições em resumo ao último dos sacrifícios humanos!

Em Portugal todos os políticos, (sem excepção alguma), discutiram muito o 9 de abril, mas todos eles não procuraram sinceramente salvar a honra da Nação. Toda essa *viseria moral* nada mais



Ferreira do Amaral, visto por Bernardo Marques



Ferreira do Amaral, visto por Almada

foi do que uma discussão de interesses partidários e pessoais!

Acima de toda essa *luma* que uma volumosa afirmação a proclamar bem alto a todos cles!

Os Soldados de Portugal que estiveram na Flandres, estavam no dia 9 de abril de 1918 nas planícies de La Lys *só por uma única razão: PORQUE TINHAM NASCIDO EM PORTUGAL!* E esse facto, que devia honrar, que devia lisonjear, que devia preocupar o cidadão português (que lá não esteve), é apenas motivo de calúnias e de motejos grosseiros...

Pois é necessário que todos se convençam de que os mais famosos políticos de Portugal, durante a grande guerra, estão muitos furos abaixo do mais modesto dos nossos soldados da Batalha de Lys e é por isso que o 9 de abril não pertence, nunca pertenceu nem pertencerá a políticos. Que a sensibilidade moral dos políticos portugueses se não moleste com esta afirmativa, porque Clemenceau não hesitará nunca em afirmar que se considera abaixo de um soldado francês que temha entrado em qualquer

das batalhas do Marne. No dia em que Joffre defendeu a França na 1.ª batalha do Marne e no dia em que Foch derrotou a Alemanha na 2.ª batalha do Marne, os primeiros cidadãos da França eram os soldados que lá se batiam, uns recuando, outros avançando.

Nesses dias toda a população da França era... nada.

Durante o 2.º cerco de Diu, D. João de Castro mandava dizer a D. João de Mascarenhas, comandante daquela Fortaleza que enquanto durasse o cerco, mais valor e qualidade tinha o mais fraco dos defensores de Diu, do que o Vice Rei da Índia!

A gentileza foi sempre e ainda hoje é a grande arte dos franceses.

Em tempos idos, também a gentileza foi a grande arte do Portugal Maior.

O que hoje ha, é só o que dantes era considerado desprezível e imundo.

Mas o Portugal Maior desapareceu em 1580, afundou-se em Alcaer Kibir onde se morreu é certo, mas *devaga* e com honra!

Ludendorff no dia 9 de abril de 1918 não atacou os políticos portugueses.

Ludendorff nesse dia atacou os 3 soldados de Portugal que encontrou pela frente e deixou em paz todos os nossos políticos.

Os soldados de Portugal que estiveram na Flandres, estavam no dia 9 de abril de 1918 nas planícies de Sur-La Lys, repito, *por uma única razão:*

Porque tinham nascido em terra portuguesa!

E esse facto que devia honrar, que devia lisonjar, que devia preocupar o cidadão português, (que lá não esteve) é apenas o motivo de calúnias e de motejos grosseiros.

Esses homens bateram-se fóra do seu país, porque eram Portugueses, e só por isso lá os mandaram ir.

Bateram-se ao lado de ingleses horas seguidas e por fim repelem-nos por inteiros, alcançando de *desastre* os mais aturados esforços de Gente, que defendeu o que era dos outros, mais por Honra Propria do que por saber que *havia infelizes especiais a guardar ou a defender*. E depois de tudo isto, gente, que enquanto durou essa luta tremenda, teve a sorte e oportunidade de se guardar do frio, da neve, da lama, do ferro e do fogo, chama-lhes *desastrados* e ri-se da sua

ingenuidade e do seu valôr, que põe sempre em dúvida!

É demais! Basta!

Porque com mais alguns anos de tal programa o cidadão português chegará a ser uma triste alimária, levado pela arreata ao sabor de qualquer aventureiro, que se lembre de lhe aproveitar o dorso largo e flexível... para besta de carga!

O cidadão português que de tudo se ri e de tudo *chucha* e de todos desdenha, não chega a *capão* e *berla* em ciência alguma; pelo contrário, entrega-se a um abandono consciente e premeditado, que o leva à descrença, e daí á... *albarda*, vai um passo.

O SANGUE PORTUGUÊS QUE CORREU NA FLANDRES

Embora estas linhas tenham apenas como objectivo unico o comentar factos que se relacionem com a «batalha do Lys» eu não posso nem devo deixar de chamar a atenção do cidadão português para um facto. E é este o seguinte:



O general Gomes da Costa, comandante do C. E. P., quando do movimento militar de 28 de Maio

Arroios. Também não valerá a pena referir 23 cegos, dos quais 2 de ambos os olhos e que, a meu vêr, podem ser considerados dois cadáveres confiados á guarda dos vivos, que se queiram ocupar d'êles.

Desde 10 de abril de 1918 até ao armistício, ainda a perda em vidas foi igual á perda em vidas do dia 9 de abril. O número de viuvas está avaliado em perto de 400 e o número de órfãos em perto de 600!

Mas tudo isso tem pouca importância para as satisfações *sem limite*, que é necessário dar (inútilmente) ao cidadão português.

De modo que só resta dar ao cidadão português que está de-contente ou ainda pouco satisfeito, um conselho.

No primeiro conflito armado em que Portugal se veja envolvido, não consista que vá ninguém, sem que êle, o mais valeroso de todos os portugueses, vá primeiro dar as suas melhores provas e mostrar... como é que êle quer que os outros procedam.

Só então, tem força moral e autoridade para se mostrar exigente; antes disso, terá que aceitar o que os outros fizeram, como... o melhor!

Se ainda há gente portuguesa, não é com certeza a que por sistema, desdenha e duvida do Valor d'Aqueles seus compatriotas a quem o inglês, o francês, o alemão e de uma maneira geral o estrangeiro, rende louvores; e neste caso estão os soldados da Flandres, de quem o Marechal comandante em chefe do exército britânico, Sir Douglas Haig, disse em 16 de janeiro de 1918, referindo-se ao seu relatório anual ás nossas tropas, terem-se mostrado *leais, bons e intrépidos soldados*.

Leais, bons e intrépidos! Que diz a isto o cidadão português? Que é um *desastre* ser isto tudo ao mesmo tempo?

Sem dúvida que o é tratando-se, de mais a mais, de Portugueses...

RESCALDO DO 09 DE ABRIL

No dia 9 de Abril dos 721 officiaes e 20 359 homens das forças portuguesas atacadas, Ludendorff apenas conseguiu lançar mão de 327 officiaes e de 7.500 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros.

Quando se refere a esse ataque não se refere, nem sequer fala na frente que perdeu, e nem ao menos *faz comparações*...

Os alemães na manhã de 9 de Abril perderam muita gente.

A Divisão Portuguesa rendeu-se e abandonou o terreno aos alemães, depois de esgotar, por assim dizer, as munições.

Em 21 de Março, diz Ludendorff que aprisionou 90.000 ingleses *ileais*.

Em 27 de Maio diz êle que as suas perdas comparadas com as dos franceses, são mínimas!

Que diz a isto o cidadão português?

Ora! O que há de dizer? Que o 09 de Abril foi um *desastre*!

Em 21 de Março, avança Ludendorff em 14 dias, 60 quilómetros.

Em 27 de Maio avança, em 3 dias, 40 quilómetros.

Em 9 de Abril apenas avançou 8 quilómetros nesse dia, nesse ponto, pouco mais pôde fazer, o que demonstra que a resistência do muro português sempre deu algum tempo para se construir a tempo outro muro inglês á sua reatguarda.

Que diz a isto o cidadão português?

Ferreira do Amaral.

CINEMA
Fonofilmes em português

decidida que então fizemos desse género de cinematografia. Continuamos persuadidos que essa produção será remuneradora; que ela constituirá proveitosa aprendizagem para os que se dedicarem a esse difficil labor; e que os erros e deficiências resultantes dessa aprendizagem serão assim menos pesados para a economia dos produtores e mais facilmente desculpados pelo público.

Não faltam, por certo, motivos para uma re- portagem variada e merecedora de interesse. Já nos períodos que transcrevemos acima lembramos alguns. Podemos agora apenas sugerir que esse serviço de actualidades se faça em cooperação com qualquer importante jornal português, á semelhança do sistema adotado na América onde, por exemplo, a «Fox-Movietone» colabora intimamente com o poderoso *trust* jornalístico de Hearst.

Alastados como nos mantemos dos bastidores da indústria nascente, ignoramos se alguma destas ideias está nas intenções dos que a dirigem. Limitamo-nos, portanto, a desejar que assim seja.

Inútil se torna dizer que não combatemos a realização de filmes artísticos e que é merecedora de todo o nosso carinho e simpatia a construção dos estúdios. Parece-nos, contudo, que a produção destes em boas condições ficaria assegurada pela longa experiência que a reportagem cinematográfica poderia proporcionar.

Se assim se fizer, os dois belos camiões que pudemos admirar darão em breve, nas diversas manifestações de actividade da vida lisboeta, a sua nota de modernismo e civilização. Os acontecimentos marcantes dessa actividade poderão correr *devaga* da capital, da provincia, do estrangeiro mesmo, transformados em sons e em imagens que a toda a parte levantarão um eco e um reflexo do que entre nós se passa.

E não se julgue que vamos atrasados. Há poucos dias ainda que os jornais espanhóis annunciaram a estreia de *Madrid se divorcia*, o primeiro fonofilme inteiramente realizado em Espanha.

Não queremos deixar sem uma referência os estúdios cuja construção a Companhia realiza na quinta das Conchas, adquirida para esse fim. Do que nos foi dado apreciar, pelos trabalhos já effectuados, no curto prazo de doze semanas, podemos concluir que as construções terão um aspecto de agradavel simplicidade, de linhas sóbrias e modernas.

A disposição das diversas dependências é cuidada, compreendendo tudo quanto é necessário em edificios desta natureza: *garage*, vestiários, salas de projecção, câmaras escuras, oficinas, etc.

Em virtude da sua grande superficie, que nos dizem ser de dezanove mil metros quadrados, a quinta das Conchas oferece excellentes condições para a instalação dos estúdios, pelo que a sua escolha só merece louvores. Grande parte desta área foi reservada para a filmagem de exteriores. O resto é occupado pelo edificio do estúdio e outros anexos, que se acham ainda protegidos por larga faixa de terreno circundante, destinada a mantê-los isolados dos ruidos exteriores.

Confiamos no êxito da Companhia que se propõe criar uma indústria nacional de fonofilmes e consideramos esse êxito intimamente ligado aos destinos da industria que, com o seu fracasso, sofreria um golpe talvez mortal. Confiamos, sobretudo, porque á sua frente se encontra um grupo de homens decididos entre os quais é justo destacar Leitão de Barros, vontade tenaz.

Manuel L. Rodrigues.

A convite da Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis-Klangfilm visitámo-nos no dia 6 do mês corrente os estúdios desta empresa que se acham em construção no Luinar.

Tinha esta visita por fim apresentar ás autoridades e representantes da imprensa o material de filmagem e registro de sons adquirido pela Companhia, com que esta vai iniciar a sua actividade. E também dar a conhecer o andamento das obras dos estúdios, cuja construção prossegue rapidamente.

Pelos relatos dos jornais, já o leitor tem conhecimento das diversas fases dessa visita, que deve marcar no nosso país o início auspicioso da produção fonocinematográfica.

Compõe-se o material adquirido de dois camiões providos da aparelhagem necessária para a tomada de vistas e de sons. Com êles fica, portanto, a primeira empresa portuguesa que se propõe produzir entre nós filmes sonoros, habilitada a realizar a sua missão.

Registamos com satisfação o facto. De há muito que ao serviço da propaganda do cinema nacional temos posto o esforço da nossa pena. Sempre acreditámos nas suas possibilidades e confiámos no seu êxito. E por isso nos é grato pôr, em destaque este acontecimento que, em nossa opinião, representa um passo importante, decisivo mesmo, no sentido da criação duma industria portuguesa de filmes sonoros.

Pelas características especiais dos aparelhos recebidos, que tanto podem servir á filmagem em estúdio como em exteriores, um vasto campo fica já aberto á actividade dos nossos artistas e técnicos — a filmagem de actualidades.

Supomos ser esta a applicação mais segura e compensadora que a esse material pode, de início, ser dada. Filmando os incidentes variados que dia a dia surgem na vida da cidade, fazendo o que se chama «reportagem», podem os técnicos adquirir pouco a pouco o indispensável dominio do *metier*, o conhecimento exacto das máquinias que vão usar, e isto com menor risco e menor dispêndio.

Escrevendo sobre a produção de actualidades sonoras portuguesas, dizíamos nós em princípios de março do ano passado, nestas mesmas columnas:

«Não nos parece impossível a realização de actualidades sonoras em Portugal. Estamos mesmo convencidos de que ella seria compensadora. Cabe-nos hoje em lugar assás importante na Europa para que, adentro das nossas fronteiras alguns factos de repercussão mundial se passem. Uma parte da nossa produção, quando dotada de interesse internacional poderia, portanto, ser vendida ás organizações mundiaes de informação cinematográfica. Outra, de mais restricto interesse, seria destinada aos mercados da metrópole, Colónias e Brasil.

«Para que tudo isto fosse possível bastaria que uma empresa portuguesa possuísse a maquinaria e respectivo laboratório necessários. Estamos certos que poucas vezes êles estariam inactivos. A realização de congressos internacionaes, no nosso país, a visita de esquadras estrangeiras ao nosso porto, a partida de aviões que escolhem esta porta da Europa para iniciar os seus vôos sobre o Atlântico, são acontecimentos que forneceriam assuntos á reportagem de carácter internacional. Viriam depois as competições desportivas, os «fait divers», assuntos mais propriamente destinados ao mercado interno.

O êxito dessas reportagens através de todo o País não estará, porventura, assegurado.



Lina André, numa cena de «A mulher casada», o primeiro filme em que se fez a apologia do trato masculinizado

A «Fox Films» faz actualmente a distribuição em todo o Mundo dum filme estritamente documental que se anuncia cheio de interesse.

Realizou-o o padre Bernard Hubbard no decurso duma sua expedição às montanhas do sul de Alaska.

O arrojado explorador que se fez acompanhar apenas de três amigos visitou o monte «Aniakchak», altíssimo pico coberto de neves eternas em cujo topo se abre vasta cratera que nem descanço expelle rochas, lavas e cinzas.

É a visão fantástica dessa fôrnia monstruosa, que a todo o momento vomita chamas, cercada de neves eternas, que o filme oferece à nossa admiração. Por isso é constituído um dos mais sensacionais documentários que agora se oferecem à curiosidade insaciável do público.

Já aqui dissemos no nosso último número que a suspensão das operações bancárias suscitara em toda a América do Norte um número sem conta de situações picarescas, e a propósito relatamos algumas que se prendem com os artistas cinematográficos.

A esses poderemos acrescentar hoje alguns que melhor completam a ideia que se formar sobre esta singular questão.

Maurice Chevalier viu-se na dura necessidade de pedir dois dólares emprestados ao seu fornecedor habitual de gasolina. Silvia Sidney recorreu ao processo tradicional do «vale», durante alguns dias, para pagar os seus almoços. Anita Paige tinha ao todo, em moeda corrente, 63 cents e Roland Young, 23. Ambos fizeram destas quantias o uso mais parcimonioso possível.

Jack Holt, por seu lado excitou a inveja e admiração de todos exibindo uma soma enorme — 4 dólares!

Extraído dum romance célebre de H. G. Wells, produziu há pouco tempo a Paramount um filme intitulado «A filha do Doutor Moreau».

É a história dum professor louco que se entrega numa ilha ignorada a monstruosas experiências, transplantando almas humanas para corpos de animais.

O assunto pareceu em demasia horrível aos censores britânicos que decidiram negar ao filme autorização para ser exibido. E dêste modo, a obra do maior escritor inglês do nosso século não pode ser exibido sob a forma de filme no seu país, onde aliás os seus livros se vendem por toda a parte.

Fala-se num recrudescimento na produção de filmes musicais, um género que teve o seu período áureo nos primeiros tempos do fonocinema.

Neste sentido a «Metro Goldwyn» projecta uma «Revista de Hollywood 1933», um espectáculo à semelhança dos que ela nos propor-

cionou há dois ou três anos e entre os quais se conta, como mais notável, a famosa «Broadway Melody».

Vai reaparecer no «écran» um actor que foi querido do público feminino e que com o advento do fonocinema fôra obrigado, pela sua pronúncia de acento sueco, a abandonar a actividade.

Trata-se de Nils Aslter, que está interpretando «Rapsódia» um filme cuja acção se passa na Hungria antes da guerra. Há justificadas esperanças de que êle reconquiste a posição que um dia chegou a ter, pois bastou que a notícia de se encontrar em preparação êste filme se es-



Carol Lombard — beleza luminosa, inaccessível

palhasse, para que numerosas cartas de admiradores começassem a afluir ao estúdio.

Segundo estatísticas organizadas pela repartição do comércio nos Estados Unidos o número de cinemas na Europa é de 20.623 e na América do Norte de 19.642.

No número de cinemas europeus acham-se abrangidos 5.061 que pertencem à Alemanha e 4.950 à Inglaterra.

O sucesso obtido por «Tarzan» junto do público ingênuo da América do Norte teve por consequência que o género fizesse escola e que os produtores se lançassem decididamente na

senda que tão bons resultados oferecia.

Assim, depois de Johnny Weissmuller temos já um

outro campeão de nação que ingressou no cinema — Buster Crabbe, que nos Jogos Olímpicos de Los Angeles alcançou retumbantes vitórias.

Crabbe vai estrearse num filme que se chamará «O rei da selva» e tem numerosos pontos de contacto com «Tarzan, o homem-macaco». É a história dum rapazito cujos pais morreram na selva, deixando-o abandonado aos seus recursos e instintos.

O jovem nadador é, segundo dizem, um modelo de perfeições físicas. Infelizmente reccia-se que nenhuma outra qualidade o recomende como actor de cinema.

A censura alemã proibiu a exhibição, em todo o território do seu país, do filme «O testamento do Doutor Mabuse», a que por diversas ocasiões aqui nos referimos.

O filme em questão, realizado por Fritz Lang, segundo um argumento de sua mulher Thea von Harbou, relata uma extensa série de crimes monstruosos que serviram aos censores de pretexto para impedir a sua exhibição.

O filme «Segredos», última criação de Mary Pickford encontra-se finalmente terminado, após uma laboriosa e acidentada realização que por vezes foi interrompida durante largos espaços de tempos.

O célebre encenador Ozepl, um dos nomes mais em evidência entre os realizadores cinematográficos, vai dirigir em França uma nova versão cinematográfica de «Ana Karenina».

Se a circunstância do filme ser produzido na Europa e o nome do realizador nos permitem prever uma obra superior à que já conhe-

cemos, é que foi produzida em Hollywood, o mesmo senão dá no que diz respeito à interpretação. O papel criado pela inimitável Greta Garbo vai ser confiado a Lil Dagover, actriz de indiscutíveis qualidades mas que está longe de atingir as culminâncias a que Greta Garbo ascendeu pelo seu talento de comediante insigne.

O Estado alemão está ligando uma enorme importância à propaganda do nazismo pelo cinema.

O número de películas de carácter militarista exibidas nos últimos tempos em Berlim é já considerável. Todas ellas exaltam a política nacionalista, as tradições imperialistas da Alemanha, e o sentimento de *revanche* contra as humilhações sofridas.

CINEMA

ACTUALIDADES

Falando sobre esses filmes, o dr. Goebbels, sub-secretário do Estado encarregado dos cinemas e teatros, frisou, desasombroadamente, a sua qualidade inferior e o seu caracter pueril. Disse da necessidade de dar a essas obras um maior grau artístico.

Entretanto, o filme «A Alemanha que sangra» cuja apresentação se deveria ter feito em 24 de Março, e que pertence a essa categoria de filmes, foi proibido pela censura, na previsão das desordens graves a que a sua exhibição poderia dar lugar.

Baseada nos métodos do Dr. Vonroff, foi realizada em Viena uma película intitulada «Os mistérios do sexo». Há enorme curiosidade em conhecer esta obra que deve lançar uma luz intensa sobre um problema científico curioso e pouco conhecido.

Max Reinhardt, o célebre realizador teatral alemão, vai produzir em Paris o primeiro filme da série que a «Fox Film», deliberou efectivar na Europa.

Anuncia-se, por outro lado, que estão prestes a terminar as relações, entre a «Ufa» e o grande produtor Erich Pommer. O grande animador não produzirá mais filmes para aquela empresa alemã.

Ao caso não devem ser estranhas as perturbações políticas e sociais que abalam a Alemanha. Convem lembrar que a «Ufa» é de há muito financiada pelo grande *trust* que Hugenberg chefia.

Parece que a realização do Grande Hotel, com o cortejo numeroso de «estrelas» célebres que tomaram parte na sua interpretação, correspondeu aos desejos da empresa produtora, a «Metro».

É pelo menos o que se conclue da sua intenção, agora anunciada, de realizar «Jantar às Oito», extraído duma peça de teatro que está alcançando grande êxito na América e em que tomaram parte Wallace Beery, Marie Dressler, Lionel Barrymore, John Barrymore, Clark Gable e Jean Harlow.

Com o facto só têm os verdadeiros cinéfilos que rejubilam porque, significando uma oportuna transformação no critério das grandes empresas, vem aumentar sensivelmente o nível da interpretação no cinema.

A crise gravíssima do teatro na América do Norte tem atraído ao cinema grande número de artista e realizadores.

O facto mais recente neste sentido é a declinação há pouco tempo feita por Gilbert Miller, um dos mais prestigiosos produtores e encena-

dores teatrais de Nova York, de estar na disposição de abandonar o teatro, dedicando no futuro a sua actividade à arte das imagens animadas e sonoras.

Imodesto, Gilbert Miller declara-se convencido de que o cinema lucrará bastante com a sua decisão e que os próprios actores tudo terão a ganhar em trabalho sob a direcção dum homem de teatro, mais compreensivo e experiente em assuntos de interpretação do que a maioria dos produtores cinematográficos.

Maria Dressler e Polly Moran, um dos mais célebres pares cómicos do *écran* foram separa-



Marlene Dietrich — beleza estranha, enigmática

dos pela expiração do contracto da segunda. De futuro, Maria Dressler não será coadjuvada nas suas comédias pela simpática e desastrada Polly Moran.

Numa reunião corporativa de técnicos cinematográficos alemães, foram exibidos trechos de filme impressionados em más condições de luz, alguns durante a noite e sem auxilio de projectores artificiais.

Trata-se duma película especial de grande sensibilidade com o auxilio da qual se espera poder realizar tomadas de vistas até hoje impossíveis de conseguir.

Os trabalhos de aperfeiçoamento da descoberta estão sendo seguidos com interesse pelos mais categorizados técnicos alemães e a sua

exploração industrial não se deve fazer esperar longo tempo.

O novo filme virá provocar uma funda revolução nos actuais processos da cinematografia e abrirá horizontes inesperados à arte.

Ruth Chatterton sofreu há poucas semanas um desastre de automóvel, sem grande gravidade, mas de que lhe resultou esmagar dois dedos.

Aconteceu que no dia seguinte a grande artista devia filmar uma cena de dança, para a qual necessitava de aparentar um ar despreocupado e feliz que estava longe seu estado de espírito, torturado como se sentia por dores atrozes.

Mas o realizador, cheio de imaginação, achou meio de resolver logo o problema. Ruth Chatterton interpretou nessa tarde uma outra cena do mesmo filme em que aparece jazendo no leito dum hospital. E tudo se harmonizou com vantagem para o realismo do desempenho.

Os operadores de actualidades obtiveram pela primeira vez autorização de penetrar no «Landtag», da Prússia por ocasião da sua sessão inaugural em 22 do mês passado.

Prestando homenagem às suas grandes qualidades como piloto aviador, o governo dos Estados Unidos concedeu uma patente elevada na Aviação Marítima ao conhecido artista Wallace Beery.

Dorothea Wieck e Hertha von Thiele as inteligentes e emotivas intérpretes do belo filme «Raparigas de Uniforme», interpretaram há pouco uma nova produção chamada «Ana e Izabel», que já foi apresentada, com êxito, em algumas capitais estrangeiras.

Terminado o seu trabalho neste filme, Dorothea Wieck embarcou para Hollywood, onde, como em tempo dissemos, vai cumprir um contrato que fará talvez dela uma das más célebres «estrelas» do cinema.

Ilustra a capa do presente número uma fotografia de Elissa Landi, que é uma das belas imagens do filme «O Sinal da Cruz», produzido por Cecil B. de Mille e distribuído pela «Paramount».

Aguardamos a exhibição dêste filme com verdadeiro interesse e estamos certo que o mesmo sucede com o leitor. Um filme de De Mille nunca é uma produção vulgar. E êste, à semelhança de todos os do grande realizador, promete-nos uma encenação grandiosa e movimentada que servirá à reconstituição das eras distantes em que Nero fazia pesar sobre Roma a sua tirania sangüinária.



A sr.^a D. Maria Victoria da Cunha Nogueira e o sr. dr. Sebastião Tavares de Matos, após o seu casamento

Nos Salões

EM GOUVEIA

Realizou-se na elegante residência da sr.^a D. Maria Joana de Melo Machado de Albuquerque Corte Real e do sr. dr. João de Melo Machado de Albuquerque Corte Real, em Gouveia, uma interessante festa para apresentação do noivo de sua gentil filha D. Maria da Assunção, o sr. dr. João Gonçalves Dias.

A festa conistou de jantar íntimo, a que se seguiu baile, tendo antes de dar começo à dança os srs. drs. João Gonçalves Dias e João de Melo Machado, recitado o primeiro a «Lágrima» de Guerra Junqueiro, «Penas» de Fernando Caldeira e o «Vêlhinho» de Frei Inácio, e o segundo: «Flirt» de Branca de Gonta Colaço, o «Escravo» de Soares de Passos, «Ninã» de Arnaldo Serrão, «A Mendiga» e o «Janota de Lisboa». Cantou fados acompanhados à guitarra, pelo sr. Francisco Carlos Tabor da Costa, a sr.^a D. Maria da Anunciação da Gama Terminado o improvisado sarau, que deixou a mais grata recordação, deu-se começo à dança, que se prolongou até de madrugada, tendo o sr. conde de Vinhó e de Almedina, marcado com desusado brilho, várias quadrilhas e lanceiros, viras e estaladinho.

Pelas duas horas da madrugada foi servida uma finíssima ceia. Os ilustres donos da casa e sua gentil filha D. Maria da Assunção, foram de uma cativante amabilidade para com os seus numerosos convidados, que se retiraram gratíssimos, com os deliciosos momentos que lhe proporcionaram.

Casamentos

Realizou-se no palacete da sr.^a D. Maria Emília Homem Machado Mendes de Almeida e do sr. Boaventura Mendes de Almeida, à estrada das Larangeiras, o casamento de sua gentil filha D. Maria Emília, com o

VIDA ELEGANTE

sr. Raúl Abdaram Abecassis, filho da sr.^a D. Mérita Abdaram Abecassis e do sr. Max Abecassis.

Foram madrinhas as tias dos noivos sr.^{as} D. Maria da Conceição Homem Machado Pizarro de Melo e D. Sarah Abecassis Seruya e padrinhos os tios dos noivos srs. António Mendes de Almeida e Fortunato Abecassis.

Finda a cerimónia religiosa, que foi celebrada pelo cônego Anaquim, foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para uma viagem pelo estrangeiro.

— Na paróquia de Benfica, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Teresa Moutinho, interessante filha da sr.^a D. Emília Abranches e do distinto especialista dos olhos, sr. dr. Mário Moutinho, com o distinto clínico sr. dr. Rui de Pádua, filho da sr.^a D. Palmira de Pádua e do sr. dr. José de Pádua, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Vasconcelos Dias e D. Maria Cruz, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Luís Pinto.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para Coimbra e Bussaco.

— No Cartaxo, realizou-se na capela da Quinta do Gil, residência da sr.^a D. Ana da Cunha Nogueira e do sr. Francisco Jacinto Nogueira, o casamento de sua gentil filha D. Maria Vitória, com o advogado e notário, no Cartaxo, sr. dr. Sebastião Tavares de Matos, filho da sr.^a D. Rita Isabel Tavares de Matos e do sr. João Maria Tavares de Matos, já falecido.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Maria Cristina da Cunha Nogueira da Costa e D. Edwiges Reis e Oliveira e padrinhos os srs. Fernando da Costa e dr. Domingos António Cornélio da Silva.

Findo o acto religioso, que foi celebrado pelo reverendo Luís dos Santos, que no fim da missa fez uma brilhante alocação, foi servido um finís-



Casamento da sr.^a D. Maria Tereza Moutinho com o sr. dr. Rui de Pádua. Os noivos e os convidados

simo lanche seguindo os noivos depois para Sintra.

— Realizou-se na paróquia de Santa Izabel, o casamento da sr.^a D. Gabriela Machado, interessante filha da sr.^a D. Rozária Machado e do sr. Carlos Machado, com o engenheiro sr. Cândido Ramires Vilaça, filho da sr.^a D. Amélia Ramires Vilaça e do sr. conselheiro António Eduardo Vilaça, já falecidos, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a irmã do noivo sr.^a D. Luisa Vilaça de Moraes Sarmento e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo o engenheiro sr. Eduardo Valério Vilaça.

Nascimentos

A sr.^a D. Angela Correia Protes da Fonseca, esposa do alferes médico-veterinário e professor do Liceu Bissau Barreto, na Figueira da Foz, sr. dr. José Protes da Fonseca, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se de saúde.

— Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Sara Costa Freire de Andrade Salazar d'Eça, esposa do sr. Luís Freire de Andrade Salazar d'Eça. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria da Luz Antunes Lapa, esposa do nosso colega na imprensa sr. Albino Lapa.

Mãe e filha, estão felizmente bem.

Baptizados

Realizou-se na paróquia de Santa Isabel, o baptizado da menina Maria da Piedade, filhinha da sr.^a D. Edémén José Coelho da Graça Reis e do sr. Luís da Graça Reis, tendo servido de madrinha, a sr.^a D. Ilda Angélica de Oliveira e de padrinho o sr. Arnaldo José Faria de Oliveira, chefe da publicidade do nosso colega «Diário de Notícias».

D. Nuno.



A sr.^a D. Maria Emília Machado Mendes de Almeida e o sr. Raúl Abecassis, por ocasião do seu casamento, realizado na residência dos pais da noiva, acompanhados das «damas de honra»

VIDA FEMININA

PÁSCOA florida, a mais linda festa do ano, a festa da Ressurreição de Nosso Senhor e da ressurreição da natureza. Flores por toda a parte e alegria em todos os corações. Depois da Semana Santa lutuosa e triste, a alegria da Páscoa. Esta festa do ano é o símbolo da vida humana. Uns dias de tristeza e dor, mas no fim consolação e alegria, que inunda as almas num bálsamo consolador. A Semana Santa é uma época em que a vida de Lisboa palpita e vive. Quinta-feira Santa é um dia muito especial na vida alfacinha. A quinta-feira Santa de Lisboa não se parece com a de nenhuma outra cidade católica.

De um movimento extraordinário, toda a gente vem para a rua, todos querem visitar as igrejas. Grupos de raparigas lindas, vestidas de negro, fazendo sobressair mais a frescura da sua beleza, percorrem as ruas da cidade na visita obrigatória às sete igrejas da tradição. As ruas da baixa têm as paredes guarnecidas de janotas, que como há cinquenta anos esperam o desfile das mulheres bonitas, seguindo a que mais lhe agrada, e nesse dia, que devia ser de recolhimento e devoção, quanto namoro principia, e quanto coração palpita no mesmo anseio de felicidade e de vida, como palpito o coração de nossas avós, que nos hábitos da antiga Lisboa, só nesse dia saíam à rua a pé, visitando as igrejas debaixo do olhar severo dos pais de outros tempos, o que as não impedia de como as raparigas de hoje, trocaram olhares amorosos com o rapaz que as cortejava iludindo a feroz vigilância paterna, que em nada se parecia com a liberdade que os pais hoje dão a suas filhas.

Amêndoas nas lojas e quem não comprar amêndoas nesse dia em Lisboa, falta a uma das praxes da vida da nossa capital.

Quinta-feira Santa obriga as raparigas a visitar sete igrejas, a apanhar uma indigestão de amêndoas e a arranjar um namorico, que pode ser um «firt», agradável, um bom marido, ou, a desgraça de toda uma vida. Mas vem a Páscoa alegre e o que importa o que pode ser o futuro? Neste momento é a vida cheia de alegria de sol e de flores, é a primavera em todo o seu viço. São as olaias com as suas manchas arroxeadas, e o verde tenro das árvores, os canteiros de miótis, com seu celestial azul, as rosas magníficas, que desbrocham, os sinos alegres que repicam, as almas purificadas pela penitência da Semana Santa, que rejubilam e se elevam ao céu. São os folares dos padrinhos, que endoidecem de alegria as crianças, e

é também a época, minhas senhoras, de pensar um pouco nos pobres, de nos lembrarmos daqueles para quem não ha dias de festa. Nos hospitais onde nascem criancinhas que não têm que vestir, e a quem é tão fácil fazer um enxovalinho.

E do negro refúgio dos infelizes leprosos a quem a doença roe os corpos e a tristeza as almas E dando-lhes um pouco de alegria neste dia contribuiremos para a mais linda obra de caridade, que ilumina uma figura de mulher, e, que para nós a Páscoa seja mais alegre e mais feliz, no socêgo de consciência que a caridade dá. É nos dias de festa, naqueles em que mais felizes nos sentimos que devemos pensar nos que sofrem e tã) poucas alegrias têm nesta vida.

Páscoa florida, alegre, vibrante, que ela traga a todos os corações um raio de luz por pequeno que seja e que na Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, todos sintam a ressurreição para a vida, para a alegria.

Maria de Eça.

Modas

NA primavera ainda não podemos de modo nenhum, abandonar o casaco de abafó. Não se toleram já os casacos de peles, nem os fortes casacos «ouatinés» com a sua maravilhosa gola de raposa, é preciso qualquer coisa mais leve,

que nos abrigue sem nos agasalhar muito, que nos preserve das tardes ventosas sem nos pesar demasiadamente. Damos hoje um lindo e original modelo em quadrados, a grande elegância, desta primavera em Paris e em Londres. É de Finigans este modelo que veste uma das mais graciosas artistas inglesas «Miss» Dodo Annesley. É o novo tipo de casaco amplo, que nos vem variar desse tipo de casaco extremamente apertado que foi o modelo deste inverno e que nem a todas as senhoras fica bem. O que não acontece a este género de casacos, que acentam em gordas e magras, altas



e baixas. O casaco é em óptima fazenda de lã em quadrados castanhos e brancos, é usado sobre uma saia de «tweed» castanho e um sweater de gola alta em lã castanha. A quem não ficar bem o castanho pôde fazer o «sweater» em branco. Completa a «toilette» uma graciosa «cloche» em feltro castanho. É um conjunto de uma elegantíssima simplicidade. Muito prático para compras, desporto, e, mais tarde pôde ser aproveitado como «toilette» de viagem substituindo o «sweater» por uma blusa simples em «toile» de seda lavável branca, que tornará fresca a «toilette» quando usada sem o casaco.

Calculamos que a elegância desta simples «toilette» não escapará às nossas elegantes, que gostam de vestir no género simples e gentilmente desportivo, que está tendo tanta voga entre as estrangeiras, que vestem bem e dão ao mundo as leis da moda.

A crise e a mulher

MADAME Caron, directora honarária do liceu Fénelou, trata dum número da «Oeuvre» o argumento dos serviços domésticos. «Nós conhecemos diz Madame Caron maridos que desolados, ao vér as suas mulheres estafarem-se na cozinha, no mercado, nos cuidados aos filhos, aceitam corajosamente de as ajudar nos serviços domésticos sacrificando as horas de liberdade e de descanso. Mas que fazer? Nem todos podem dispendir 300 ou 400 francos por mês com uma criada. Do outro lado quantas dactilógrafas, quantas empregadas, ficaram na crise actual sem emprêgo». E madame Caron aconselha-as que aceitem provisoriamente um outro trabalho, nenhum trabalho deshonra. A mãe da família podia encontrar o auxílio que necessita numa destas raparigas. Não seria uma criada, seria tratada por mademoiselle, teriam com ela todas as atenções, deixando-lhe algumas horas de liberdade para o estudo, para a leitura e algumas vezes a dona da casa poderia servir-lhe de auxílio intelectual e de exemplo moral. E não é uma utopia esta política de associação, que trata de superar preconceitos e um amor próprio mal compreendido. Em Inglaterra estas combinações são muito frequentes. A questão das criadas — dizia Gladstone — é uma das maiores dos nossos tempos, que evidentemente tem muitas outras, mas a paz da casa tem tanto valor como a da mundo.

«Escola de Pais»

JÁ em 1929 se fundou em Paris a «Escola de Pais» e a rapidez do seu desenvolvimento demonstrou que corresponde a uma necessidade social. Tal ideia veio a uma mãe de família, madame Verin, pertencendo ao meio médico e da qual se conhecem obras importantes sobre a infância, a adolescência e a juventude. Educando os seus filhos estudou largamente a questão e os problemas relativos à educação física, moral, intelectual



e sentimental. Ao princípio alguns amigos reuniram-se em volta dela para ouvir expôr os seus pontos de vista e discutí-los. Médicos e sociólogos juntaram-se ao primeiro grupo e trouxeram as luzes da sua ciência e o apoio da sua autoridade. A «Escola de Pais» tinha nascido e um primeiro Congresso realizou-se em Dezembro de 1929. Consiste em cursos de que fazem parte as mães. Estas reuniões têm lugar no Museu Social a segunda terça-feira de cada mês. Cada uma tem de apresentar um trabalho resultante das suas observações pessoais, da sua experiência. Entre as conferências projectadas foi dado um programa de preparação para as raparigas, para o seu futuro papel de esposas, de mães de guardas do lar. As conferências sobre o que os rapazes não devem ignorar são confiadas a médicos, professores e especialistas. Este movimento parisiense já se estendeu a Toulouse, Marselha e Lyon. A influência deste apostotado é muito importante nos ambientes populares onde se fazem numerosos esforços para espalhar noções de higiene e puericultura nas famílias operárias.

A mulher e a aviação

«*La Donna Italiana*» publica o seguinte.
«Na aviação a mulher está fazendo notáveis progressos, especialmente nos países anglo-saxónicos. Numa recente confidência sobre a «Carreira feminina da Aviação». Sir Alan Cobham propôs as de: piloto de táxi-aereo, piloto particular, trabalhos de investigação, trabalhos de fabricação, desenhos de projectos e de aparelhos, demonstração e publicidade para a venda, piloto professora, mecânica de aeronáutica. O orador fez notar que o número de mulheres ultrapassa o dos homens nas oficinas de aviação e como pilotos particulares e de táxis aéreos. Entretanto foi instituída em França uma «Association feminina de aviation» (A. F. A.). A primeira reunião teve lugar no salão do «Journal» na presença do general De Gay, um dos chefes da aviação francesa. Esta nova organização tem por fim tornar conhecida e querida a aviação e tornar mais acessível às mulheres a conquista do «brevet» de piloto de aviação.

Chapéus

O chapéu é uma das notas da «toilette» que mais dá na vista e que marca mais intensamente a elegância duma senhora. Uma mulher bem calçada e com um bonito chapéu tem sempre o seu lugar de elegância marcado. Damos hoje dois lindos modelos de primavera que aliam à graça a originalidade. Um é modelo de Goupy e é feito em «crêpe de chi-



ne» branco com pintinhas encarnadas. É enfeitado por duas penas, uma branca, a outra encarnada. O outro chapéu é um «canotier» originalíssimo feito em tiras de «organdi» entrançado. É uma inovação de Suzanne Talbot. Está executado «em organdi» preto e por de baixo da aba sai um gracioso véusinho branco, que fica muito bem a uma delicada carnção de loira fazendo um lindo contraste com o negro do chapéu. São dois modelos preciosos e fáceis de fazer em casa para as senhoras habilidosas.

De mulher para mulher

Maria Augusta: São casos de consciência que se não podem aconselhar e se não devem discutir. O seu critério, demonstrado na sua carta, lhe indicará o que tem a fazer. Para esse género de «toilette» o chapéu mais prático é o «canotier». Em palha castanha diz com o vestido e faz um lindo conjunto.

Mãe estremosa: Não se alarme é natural que uma criança, que não tem outras da sua idade que não saiba brincar, leve-a a jardins onde haja outras crianças e pouco a pouco a pequenina perde esse carácter bisonho, que tanto a preocupa. Convide para casa outras crianças. Não use crêmes, ponha só pó de arroz.

Violeta branca: São raras e são lindas e pelo que me diz da sua pessoa não o é menos. Não se preocupe com isso é uma beleza a mais e não me diga que tem pena de não ter uma cabeça ondulada no cabeleireiro, simétrica e que parece saída de uma caixa. Nada mais lindo do que a irregularidade de uma cabeleira frisada naturalmente. Não estrague o seu cabelo seria um verdadeiro crime.

Uma rainha

O ilustre escritor Henri Bordeaux na «Revue de Paris» segue a rainha Hortense através as veredas alpestres da Suíça, até á afamada abadia d'Einsiedeln conhecida vulgarmente por Nossa Senhora das Eremitas. Desolada pela infidelidade do homem que amava, o conde de

Flahant ela foi pedir coragem e resignação á virgem milagrosa venerada em toda a Suíça da Idade Média até agora. Foi diante desta imagem que a rainha Hortense se prosternou nos fins de Outubro de 1816 para pronunciar aquela renúncia que punha um fim á sua vida sentimental. Ela conservou o seu culto a Nossa Senhora dos Eremitas para a qual se voltava nas mais importantes ocasiões da sua vida. Em 26 de Abril de 1817 a rainha chegou com um cortejo para a 1ª comunhão do príncipe Luís Napoleão que tinha



então nove anos. Nesta ocasião a rainha Hortense deu luzes de ouro aos pobres do lugar e ofereceu á virgem um vestido de seda. Quatro anos mais tarde em 1821, quando soube da morte de Napoleão, voltou á Abadia para passar dois dias de meditação e oração. Bordeaux encontrou vestígios destas visitas nos arquivos da Abadia onde estão enumerados também os ricos presentes, feitos mais tarde por Napoleão III imperador dos franceses.

Receitas de cozinha

Língua com mólho: Depois de bem limpa a língua, cose-se temperando-a com sal e uma cebola, na qual se cravam dois cravinhos da Índia e um dente de alho. Preparam-se num prato, duas gemas de ovos, batidos com sal e pimenta e um pouco de mostarda. Pica-se sobre elas bastante salsa, dois ou três pepininhos de conserva e uma colherada grande de alcaparras, quatro ou cinco colheres de bom azeite e uma colher de vinagre com duas da água de coser a língua. Quando a língua está cosida tira-se, escorre-se muito bem, põe-se numa travessa, corta-se às fatias e deita-se-lhe em cima o mólho. Para que fique bem quente, põe-se a travessa sobre uma vasilha de água a ferver, durante algum tempo.

Violetas doces: Refogar violetas em manteiga fina. Quando estão ligeiramente fritas, põe-se-lhes nata de leite e polvilham-se de açúcar. É um doce perfumado e muito fino.

Higiene e beleza

Nesta época do ano há muitas senhoras que sofrem de eczema no rosto. Em geral no nariz e que apresenta um aspecto de borbulhas arrocheadas com supuração e uma pontinha de puz. Deve combater-se tratando do bom funcionamento do estômago e intestinos, observando um régimen alimentício sobrio, sem excitantes, e, o mais vegetariano possível. Convem alguns depurativos, prescritos pelo médico, a base de peróxido de magnesia e floruro de soda ou de amoniaco. Localmente deve lavar-se várias vezes ao dia a parte atacada com água bórica morna e cobri-la com a seguinte pomada: Balsâmo de Perú 4 gramas, oxido de zinco 4 gramas, vaselina 10 gramas, ganolina 10 gramas, — nos casos rebeldes, o raio X faz curas rapidísimas. Até eczemas crónicas de quatorze a quinze anos. É necessário evitar o enervamento que estas coisas causam e que muito contribue para atrazar a cura.

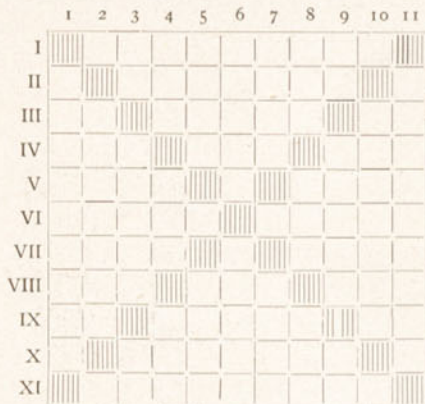


Bebés saudáveis, robustos e alegres
só com FARINHA NESTLÉ

A marca de confiança

PIM DE FESTA

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:

I — Nome próprio feminino. II — Azebre. III — Conjunção. — Expressão espanhola, moral e setenciosa, que se diz em actos de devoção e penitência. — Apelido. IV — Letra do alfabeto grego. — Termo algarvio que significa muita pressa. — Substância doce. V — Vulcão da Sicília — Limite. VI — Orvalho. — Relativo às vacas. VII — Pedras de altar. — Espécie de cesto usado na Africa Oriental Portuguesa. VII — Está em Tunis. — Interjeição. — Está de saúde (fam.). IX — Duas letras de tecla. — Extraordinários. — O maior poeta português (iniciais). X — Variedade de couve. XI — Moído com a mão.

Verticais:

1 — Língua internacional. 2 — Estância aprazível na linha de Cascais. 3 — Duas letras de árvore. — Antigos soberanos do Perú. — Uma sílaba de barão. 4 — Rente. — Gritos de dor. — Está em Tarento. 5 — Parte do círculo. — Indígena da Nova Guiné. 6 — Vende fatos usados. — Orifícios. 7 — Risco direito. — Massa informe. 8 — Sufixo designativo de dissimulação. — Partícula que precede os apelidos, na Escócia. — Soberano da Persia. 9 — Preposição. — Espertalhão (pt.). — Duas letras de dano. 10 — Cidade de Portugal. 11 — Cidade de Espanha, no antigo reino de Leão.

CONSELHO PRÁTICO

Quando um indivíduo cai, perto de nós, com uma síncope, deve-se em primeiro lugar fazer o seguinte: se tem o rosto vermelho deitá-lo com a cabeça alta; se está pálido, põe-lhe a cabeça baixa. Só depois se devem tomar as providências necessárias.



Estão nesta sala mais quatro visitas. Onde?

ANEDOTAS

— Papá, o que é uma senhora?
— Uma senhora, meu filho, é uma mulher, que não precisa de insistir de que é uma senhora.

— Então, seu pobre marido morreu? Teve, ao menos, uma morte feliz?

— Eu julgo que sim, minha amiga. A última coisa que fez quando ia a expirar, foi atirar-me com uma garrafa de remédio à cabeça.

— O dinheiro fala!
— Sim? Pois eu nunca lhe ouvi outra coisa senão dizer-me: Adeus!

Examinador: — Quaes são as propriedades do leite?

Examinando (que é filho dum dono de vacarias): — O quê? Não entendi a pergunta?

Examinador: — Pergunto-lhe, de que é feito o leite?

Examinando: (com um sorriso de desculpa): — Queira desculpar mas não lhe respondo. O meu pae zangava se comigo se eu o dissesse!

— O que vem a ser um brilhante conversador, papá?

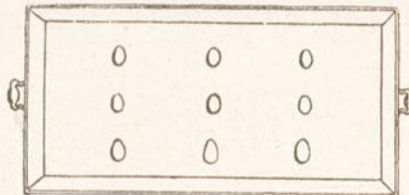
— Vem a ser uma pessoa, capaz de falar meia hora seguida, sem se referir ao tempo que faz?

— Desafio quem quer que seja a indicar-me a mais simples acção, que eu possa executar com a mão direita, e que não seja igualmente capaz de executar com a esquerda.

— Meta a mão esquerda na algibeira das calças do lado direito!

OS NOVE OVOS

(Problema)



Colocados estes nove ovos sobre uma bandeja, quem é capaz de os reunir por meio de linhas rectas traçando o menor número delas, e sem ficar nenhum ovo, nem nenhum grupo, separados dos outros?

PASSATEMPO



O PAI — Maria Helena, acabou de receber uma carta da tua professora...
MARIA HELENA — Está bem, paizinho. Eu não digo nada à mãe, podes ficar descansado.

(Do «Punch».)

BRIDGE

Espadas. — 6, 2.
Copas. — 10.
Ouros. — 10, 7, 6, 4.
Paus. — Rei, 7, 6, 5.

Espadas. — Dama, A Espadas. — Rei, 7.
Valete, 10, 3. Copas. — Valete,
Copas. — 4. 5, 2.
Ouros. — 8, 5, 2. C D Ouros. — Rei, Va-
Paus. — Valete, lete, 9, 3.
10, 2. B Paus. — 9, 8.

Espadas. — Az, 9, 8, 5, 4.
Copas. —
Curos. — Az, Dama.
Paus. — Az, Dama, 4, 3.

Paus é trunfo. B é mão e só pode dar uma vasa aos adversários. Poderá ganhar o jôgo?

O MOSTRADOR DE RELÓGIO

(Solução)

Os erros que se notam no mostrador do relógio são os seguintes:

1.º — Nas seis, o I está antes do V, de modo que se lê quatro.

2.º — No círculo dos minutos, em vez de sessenta, há sessenta e três, por ter posto cinco em vez de quatro, nalguns espaços entre hora e hora.

3.º — O ponteiro das horas, excessivamente pequeno, está fixo por cima do ponteiro dos minutos, quando devia estar por baixo dele.

4.º — Dada a hora que o relógio indica (sete e vin'e e e um minutos), o dito ponteiro das horas, devia estar muito mais perto das oito.

5.º — O ponto sobre o qual giram os ponteiros, não está no centro do mostrador.

6.º — Os intervalos entre 12-1, 6-7, 3-4, e 9-10 são grandes, em relação aos que separam as outras horas, que também não são regulares.

DAMAS

(Solução)

Joga-se da seguinte forma: 10-15, 31-22, 29-25, 22-9, 15-22 e ganham as brancas.

O AMOR

Se amor, que nasceu rapaz,
É de condição ferina,
E faz o estrago que faz,
Ninguém, por certo imagina
Do que seria capaz
Tendo nascido menina!

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Dicionário do Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do Dr. Salazar Carreira

Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português,
Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensavel a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cêrca de 100 págs. . . 7\$00

Pedidos á S. E. PORTUGAL-BRASIL

—Rua da Condessa, 80, 1.º—LISBOA—



EM QUALQUER LAR

onde se não tenha apagado o bom gosto, ou onde se não deite á rua o dinheiro em beberagens ordinarias, ha sempre um bom chá «HORNIMAN».

Nenhum como ele possui tão penetrante aroma e tão delicado paladar.

O chá «HORNIMAN» é um conjunto de chás de varias procedencias, de qualidade «extra», que o tornaram celebre em todo o Mundo, e á de todos o que mais se vende em Portugal.

O chá «HORNIMAN» conquista rapidamente o paladar da pessoa mais exigente. A sua fragancia suprema, delicia

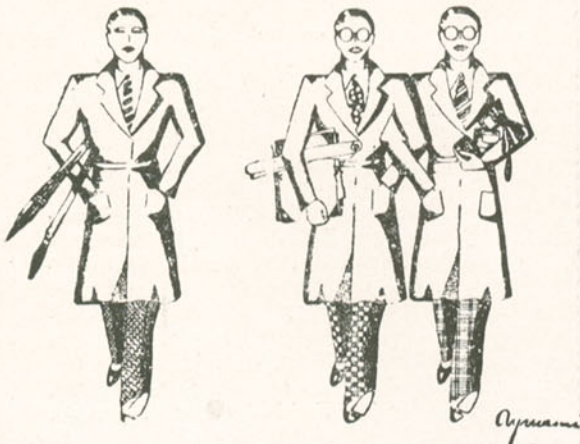
O chá «HORNIMAN» é tambem o mais economico, porque, com menos quantidade de que qualquer outro, fará um bule de infusão deliciosa.



Adicionando-lhe algumas gotas de leite na chavena, torna-lo-á inexcedido

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1308

**BERTRAND
IRMÃOS, L. DA**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

CHÁ HORNIMAN



Sómente em pacotes
de 14—50—125 e 250 gramas.



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estou com 7 amostras 14\$00, pelo correio 15\$00* — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente á Academia Scientifica de Beleza — Av. da Liberdade, 35 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.^a EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automovéis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina
Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

História Universal

do grande historiador alemão

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedrosa* e seguidamente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres, representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc. Impressa em esplêndido papel, *hors-textes* em papel *couché*, in-4.^o.— Encadernação própria e cerca de 1.000 páginas por cada volume

Já publicados

III tomos — 19 volumes

Assinaturas novas só se aceitam a volumes completos

A TERMINAR BREVEMENTE A PUBLICAÇÃO

Cada volume, encadernado..... **65\$00**

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Antologia Portuguesa

Verdadeiro tesouro da língua portuguesa, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos os melhores prosadores e poetas portugueses, antigos, modernos e contemporâneos

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo

Dr. Agostinho de Campos

Volumes já publicados:

Afonso Lopes Vieira (1 vol.)
Alexandre Herculano (1 vol.)
Antero de Figueiredo (1 vol.)
Augusto Gil (1 vol.)
Camões lírico (4 vols.)
Eça de Queirós (2 vols.)
Fernão Lopes (3 vols.)
Frei Luís de Sousa (1 vol.)
Guerra Junqueiro (1 vol.)
João de Barros (1 vol.)
Lucena (2 vols.)
Manuel Bernardes (2 vols.)
Paladinos da linguagem (3 vols.)
Trancoso (1 vol.)

Estes volumes são do formato de 12×19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado. 12\$00

Cada volume encadernado. 16\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

CIMENTO ARMADO

2.^a edição

Propriedades gerais. Materiais usados; o metal, o betom. Resistência dos materiais. Cálculo do cimento armado. Pilares, vigas e lages. Aplicações: Alicerces, pilares, paredes e tabiques. Muros de suporte. Sobrados, lages e vigas. Coberturas e terraços. Escadas. Encanamentos. Reservatórios e silos. Chaminés. Postes. Abóbadas e arcos. Casas moldadas. Outras aplicações. Fórmulas e moldes. Assentamento das armaduras. Execução do betom. Betoneiras e outras máquinas. Organização dos trabalhos de betom armado. Regulamentos, etc., por *João Emilio dos Santos Segurado*.

1 volume de 632 pág., com 351 grav.,
encadernado em percalina..... **25\$00**

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em todas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**
Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos

por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de

CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata

1 volume de 300 páginas, brochado **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 3.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado **12\$00**
Encadernado **16\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 7.^a EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 375 páginas { brochado **12\$00**
encadernado **16\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

Novidade literária

JULIO DANTAS

ALTA RODA

3.^a EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — A campanha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. 15\$00
broch. 10\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80

LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes ilustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e cores sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

À venda a 3.^a edição de

**ANDAM FAUNOS
PELOS BOSQUES**

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 volume de 356 páginas { brochado 12\$00
encadernado 16\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO
DA LINGUA PORTUGUESA**

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóepico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Livros da Biblioteca de Instrução Profissional

PARA AS ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc. 15\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc. 15\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. 12\$00
Elementos de Química, 1 vol. enc. 14\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc. 12\$00
Elementos da História de Arte, 1 vol. enc. 25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc. 14\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc. 14\$00
O Livro de Português, 1 vol. enc. 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garret, 75 — LISBOA

**O MESTRE POPULAR
ou
O INGLÊS SEM MESTRE**

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.^a EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 15\$00; br....	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOËS E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMÓN DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	3\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

„ „ „ „ carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Saude Perfeita

TODAS as creanças devem tomar a deliciosa OVOMALTINE todos os dias para lhe assegurar uma perfeita saude.

Esta preciosa bebida alimentar fornece numa forma concentrada todos os elementos nutritivos e vitaminas essenciaes para a saude.

A OVOMALTINE é preparada com leite, extracto de malte, ovos frescos e cacau, que são os melhores alimentos da natureza. Os ovos são particularmente importantes porque fornecem o fosforo organico, um elemento essencial para fortalecer o cerebro e os nervos.

A OVOMALTINE é o mais rico alimento concentrado sendo portanto o mais barato no custo.

OVOMALTINE

E A SAUDE

A venda em todas as farmacias, drogarías e boas mercearias, em latas de 110, 250 e 500 grs. aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

DR. A. WANDER, S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.^a (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS 41 2.^o - LISBOA